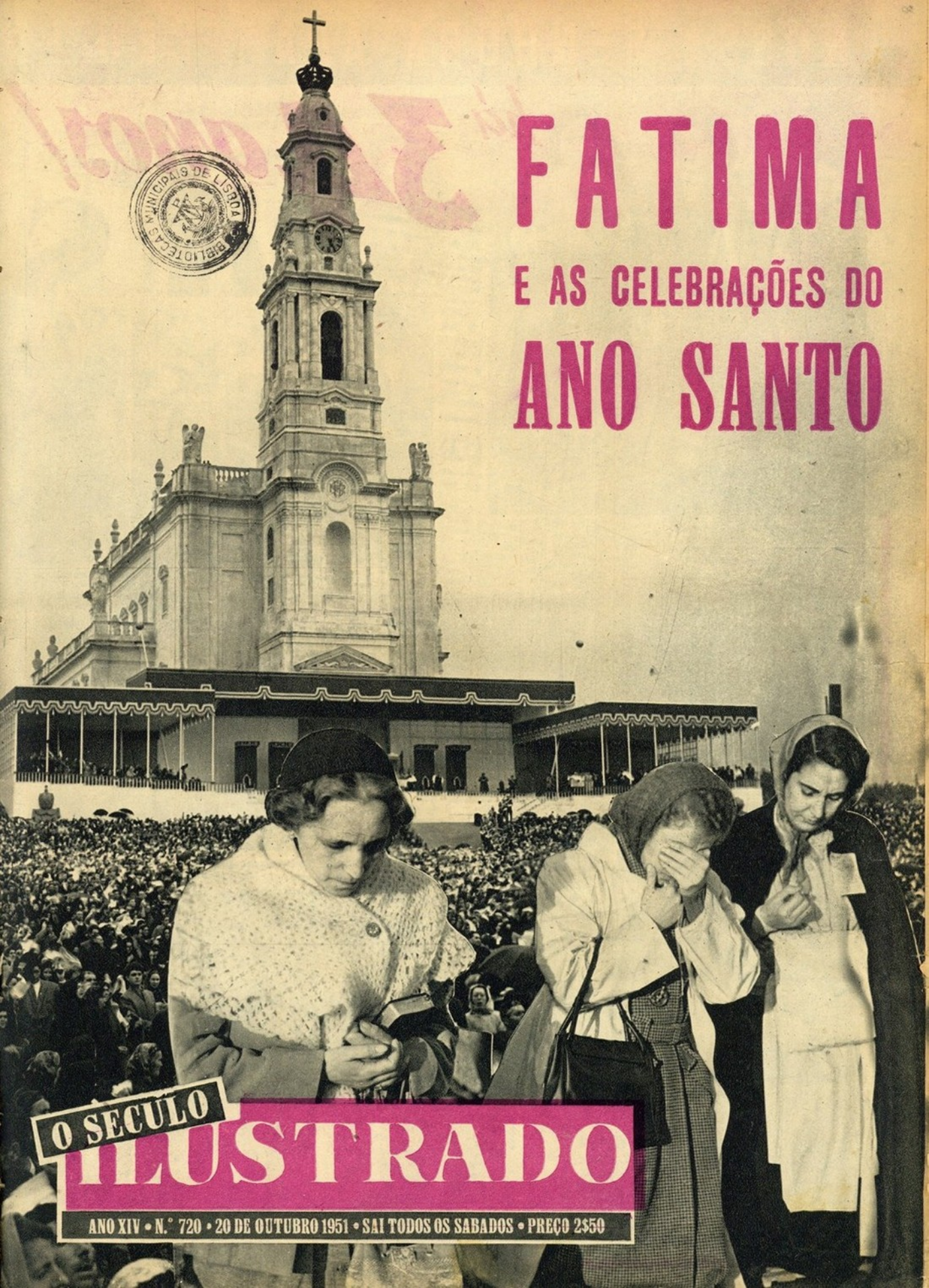




FATIMA

E AS CELEBRAÇÕES DO

ANO SANTO



O SÉCULO

ILUSTRADO

ANO XIV • N.º 720 • 20 DE OUTUBRO 1951 • SAI TODOS OS SABADOS • PREÇO 2\$50

NOSSA SENHORA APARECEU EM FATIMA

Sabado, 13 de outubro de 1917

ASSINATURA
 O SECULO: Portugal, colonias portuguesas e Hespanha: 3 mezes, 800-1 ano, 1500-1 ano, 2500-1 ano.
 Territorios da uniao postal: 6 mezes, 350-1 ano.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA. Portugal, colonias portuguesas e Hespanha: 3 mezes, 225-6 mezes, 450-1 ano, 800-1 ano.

SEculo COmico e O SECULO Portugal, colonias portuguesas e Hespanha: 1 mez, 80.

Assina-se na administração do Seculo, succursales e estações postaes.

RECLAMAÇÕES: Devem ser dirigidas á secção de reclamações.

As communicações relativas a assinaturas devem ser accompagnadas do respectivo numero.—Editor, Jorge Gravit.



Há 34 anos!
 Numero avulso 1 centavo (10 réis)
 PRIMEIRO ANO - N.º 12.374

O SECULO



Foi há 34 anos — a 13 de Maio de 1917. Três pastorinhos de Aljustrel — Lucia, Jacinta e Francisco — andavam pela Cova da Iria, no planalto da serra, apascentando o seu gado. Mas o tempo, pela tarde fora, toldou-se — e os pastorinhos amedrontaram-se, e começaram, logo, com os seus rebanhos, o caminho do regresso à aldeia. Ao chegarem, porém, ao fundo onde hoje, em Fátima, se ergue a Capelinha das Aparições, um relâmpago forte e prolongado da intemperie que se aproximava tolehou-lhes os passos. E ante os seus olhos assombrados, sobre a copa duma azinheira florida, a Virgem, plena de belleza, lhes appareceu. E com eles conversou. E com Lucia, um lindo dialogo manteve — para, depois, desaparecer, e deixar os pastorinhos enlevados, serenos e confiados.

...E que elles haviam visto Nossa Senhora — Nossa Senhora que appareceu, em Fátima, há 34 anos — e que há 34 anos é Padroeira de Portugal, Senhora dos Portuguezos, Senhora das Preces dos que sofrem e anseiam pelas suas Gracas Divinas — Senhora do Mundo, anfim, perante quem o Mundo ajoelha e reza, irmanado pela Fé e pela devoção.

EM PLENO SOBRENATURAL! AS APARIÇÕES DE FATIMA

Centenas de pessoas concorrem a uma chameca nos arredores de Ourém, para verem e ouvir em a Virgem Maria

Não se entristeçam nem se amofinem os corações devotos, não se conturbem nem sobreajam as almas candidas e fieis, longe de nós o intuito de escandalizar os que sinceramente creem e a quem o maravilhoso ainda hoje atrahem. E encanta, logo, com os seus rebanhos, o caminho do regresso à aldeia. Ao chegarem, porém, ao fundo onde hoje, em Fátima, se ergue a Capelinha das Aparições, um relâmpago forte e prolongado da intemperie que se aproximava tolehou-lhes os passos. E ante os seus olhos assombrados, sobre a copa duma azinheira florida, a Virgem, plena de belleza, lhes appareceu. E com eles conversou. E com Lucia, um lindo dialogo manteve — para, depois, desaparecer, e deixar os pastorinhos enlevados, serenos e confiados.

...E que elles haviam visto Nossa Senhora — Nossa Senhora que appareceu, em Fátima, há 34 anos — e que há 34 anos é Padroeira de Portugal, Senhora dos Portuguezos, Senhora das Preces dos que sofrem e anseiam pelas suas Gracas Divinas — Senhora do Mundo, anfim, perante quem o Mundo ajoelha e reza, irmanado pela Fé e pela devoção.

Jacinta, Francisco e sua prima Lucia — os três pastorinhos de Fátima, porta do Paraíso, centro de Fé onde o Mundo ajoelha e reza

Vários aspectos do povo, ajoelhado e orando no momento de se dar o fenómeno — o sinal de Deus — que tanto impressionou a multidão



Das mais antigas reportagens das peregrinações de Fátima, os arquivos ainda guardam documentos como este em que a multidão sempre se mostra indifferente ao tempo

Um primeiro plano dos devotos que esperam ver o sinal de Deus



O povo, ora, ajoelhado, cihando o Céu



Um céguinho que espera o milagre para a sua vista



O povo procura aproximar-se da azinheira santa



Em Setembro de 1917, as objectivas da reportagem Jocrum, no próprio local das aparições, os pastorinhos e os primeirosromeiros. Em baixo: Um dos primeiros grandes documentos da multidão que ocorreu a Fátima e que convergiu para o sitio do milagre





Nossa Senhora de Fátima, Senhora de Portugal, Senhora do Mundo. À direita: A casa dos pais dos pastorinhos Francisco e Jacinta



Dois aspectos do local das Aparições — os Valinhos — que, para sempre, ficaram na história linda de Fátima

FATIMA

PORTA DO PARAÍSO



O poço da casa da Lúcia



FÁTIMA

Altar de Portugal e do Mundo



OLHAI, admirai! AH, no ângulo esquerdo da parte exterior da capela, protegida pelo telhado do alpendre, está a imagem miraculosa de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

É precisamente o lugar onde Maria costumava aparecer. A imagem é uma estátua de madeira, de cerca de um metro de altura, e foi executada ainda nas mais insignificantes particularidades, segundo as indicações dos pastorinhos. A primitiva beleza da obra sofreu um pouco com as intempéries, no decurso dos anos. Contudo, é ainda de um encanto inigualável — encanto que aumenta quanto mais demoradamente se contempla.

Um leve rictus de amargura e de tristeza lhe ensombra o rosto juvenil.

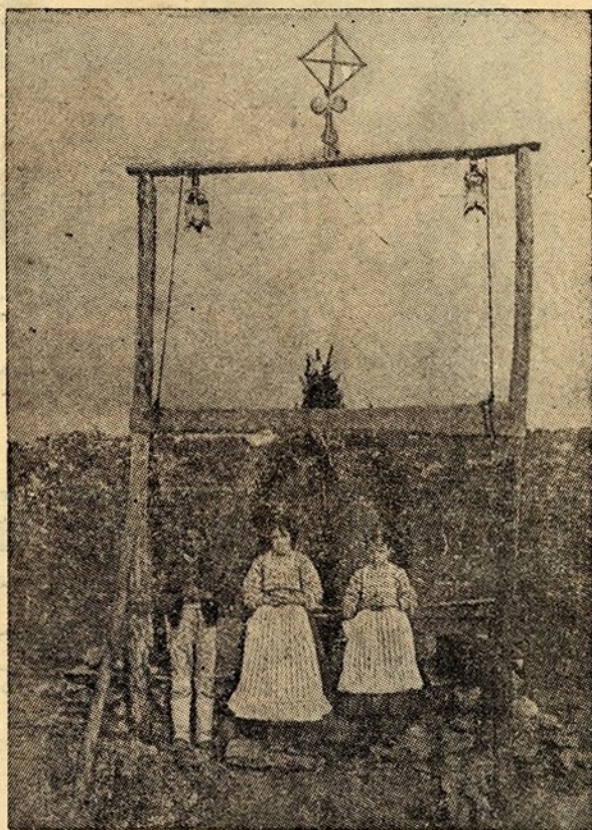
O vulto está um pouco inclinado para a frente, como se a boa Mãe quisesse exprimir, nesta atitude, a dor que lhe vai no coração à vista dos inúmeros pecados dos homens e dos castigos do seu divino Filho que sobre nós impendem e que o seu amor maternal já não consegue sustentar.

Quando, no ano de 1917, Maria apareceu aos pastorinhos o Mundo inteiro andava envolvido nos horrores da grande guerra.

O vulto paira sobre uma nuvem, envolto, desde a cabeça até à ponta dos pés, em roupagens alvíssimas. Uma orla bordada a ouro lhe adorna o espesso manto que, ocultando os cabelos, lhe desce até quase ao chão.

A túnica branca, um pouco mais comprida que o manto, é presa, à cinta, por um cordão dourado. Das mangas largas e finamente repregadas sobressai a camisa que lhe chega até o pulso. Um rosário lhe pende das mãos. O único adorno da simples e majestosa túnica são duas estrelas douradas. Do corpo nada se vê, senão o pescoço, o rosto, as nobres mãos erquididas e as pontas dos pés. É como se Maria quisesse significar com este severo e ao mesmo tempo distinto e digno traje: é assim que a mulher deve vestir!

Se o Céu se abrisse e nos mos-



Aqui apareceu Nossa Senhora. Os três pastorinhos apresentam-se no local maravilhoso, que a Úevosão dos crentes adornou com tocante ingenuidade

trasse as suas santas, teríamos, então, a dita de repreencar uma pureza e um encanto mil vezes mais sublimes que o das madonas que nos últimos quatro séculos produziu o génio dos pintores católicos e cristãos. Eu não posso conceber que Nossa Senhora tenha aparecido a um Durer, a um Rafael, a um Murillo porque, de contrário, teriam pintado as suas madonas de uma forma bem diferente. Mas não me repugna acreditar que tenha aparecido a um beato angélico.

Entre os artistas é de todos o maior o que fita olhos místicos no Céu.

E, contudo, esta imagem não passa de uma péssima cópia do original! Pode ser até que tenha acontecido aos três pastorinhos o mesmo que sucedeu, outrora, à beata Bernadette Soubirous quando, pela primeira vez, viu reproduzida a Aparição da Imaculada Conceição. Pois é precisamente um sinal e ao mesmo tempo um privilégio da hiper-natureza que o pincel e a pena, mesmo de génios, sejam impotentes para lhe reproduzirem a beleza. Podemos ter lido milhares de livros sobre a transfiguração que o éxtase produziu no rosto dos eleitos, mas esta descrição não passará nunca de uma sombra da realidade, pois nem o pincel, nem a pena, nem

a própria fotografia conseguirão jamais reproduzir o fulgor da luz divina que de tais rostos irradia. Somente o padre o poderá compreender quando, uma vez ou outra, ainda que raro, lhe é dada a suprema consolação de ver brilhar com fulgor indescritível os olhos de um moribundo. É a felicidade dos fiéis servidores de Maria a quem ela, como Mãe amantíssima, se mostra, pela primeira vez, em toda a sua suprema beleza para os libertar das dores da agonia e os conduzir ao juízo do amor misericordioso.

São estes os pensamentos que involuntariamente nos assaltam quando contemplamos o encanto da imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e admiramos, ao mesmo tempo, o fervor do povo que se aglomera ali no Santuário de Maria. Oh! Como ela, do alto do seu trono, contempla com doçura e amor os milhares de filhos seus e como estes olham cheios de confiança para a imagem de sua Mãe! Isto pertence também ao número daquelas coisas que não se descrevem nem se reproduzem na tela, mas que é preciso ver com os próprios olhos.

A fé desta gente emociona até às lágrimas!

Luis Fischer



UM PESADELO

RASKOLNIKOV teve um sonho horrível. Regressara à infância e à pequena cidade onde vivia, então, com a família. Tinha sete anos. — Numa tarde de festa passeava com o pai, fora de portas...

O tempo está enevoado, o ar pesado, os lugares são precisamente como a memória lhos recordava; em sonho encontra até mais de um pormenor apagado na sua reminiscência. Distingue perfeitamente a pequena cidade, em cujos arredores não se ergue um único salgueiro branco.

Lá muito ao longe, na linha extrema do horizonte, a mancha negra de um pequeno bosque. Para lá do último jardim da cidade há uma taberna, junto da qual o pequeno nunca podia passar, quando passeava com o pai, sem experimentar uma impressão de terror. Havia sempre ali uma chusma que berrava, ria, se enfurecia e brigava, ou que cantava com voz rouca coisas de apavorar! Nos arredores andavam sempre ébrios de rostos horríveis!...

Se eles se aproximavam, Rodion agarrava-se ao pai, tremendo como varas verdes.

A passagem que conduz à taberna está sempre coberta de uma poeira negra. A trezentos passos, o caminho desvia, desvia para a direita e contorna o cemitério da cidade, no centro do qual se ergue uma igreja de pedra, com cúpula verde, onde, em criança, ia com os

◆ Conto de DOSTOIEWSKY ◆

Ilustração de RODRIGUES ALVES

pais ouvir missa, duas vezes por ano, quando se celebravam officios sufragando a alma de sua avó, falecida havia muito e que ele não chegara a conhecer. Levava sempre um bolo de arroz, tendo, ao alto, uma cruz feita com passas. Queria muito a essa igreja, às suas lindas imagens, ao velho padre, de cabeça trémula. Ao lado da lápida que cobria a terra onde repousavam os restos da velhinha, havia um pequeno túmulo, o de seu irmão mais novo, que morrera aos seis meses. Também não o conhecia, mas tinham-lhe dito que tivera um irmão; por isso, sempre que ia ao cemitério, fazia, piedosamente, o sinal da Cruz quando chegava junto do túmulo, inclinava-se, respeitoso, e beijava-o.

*

EIS, agora, o sonho de Raskolnikov:

Ele segue, com o pai, o caminho que leva ao cemitério, passam em frente da taberna; o pequeno agarra-se à mão do pai e olha assustado para a casa odiada onde reina uma animação superior à do costume. Estão lá muitos burgueses e camponeses com trajes de ver a Deus — toda uma ralé. Embriagados, cantam todos. Em frente à porta da taberna, está um destes carroções que servem para transportar pipas

de vinho e geralmente são tirados por vigorosos cavalos, de grossas pernas e crina farta.

Raskolnikov experimentava sempre prazer em admirar esses enormes animais, capazes de arrastar os mais pesados fardos sem sentirem a menor fadiga.

Mas, agora, estava atrelado ao carroção um cavaliço ruço, de uma magreza horrível, um desses tristes sendeiros que os mujiks obrigam a puxar enormes carros de lenha ou de feno e atormentam com pancadaria, chegando, mesmo, a bater-lhes nos olhos, quando os desgraçados fazem, de balde, esforços para mover o veículo atolado na lama. Esse espectáculo, que Raskolnikov por vezes presenciara, humedecia-lhe sempre os olhos de lágrimas, e a mãe nunca, em tal caso, deixava de o afastar da janela.

Repentinamente, levanta-se um grande tumulto; da taberna saem, gritando, cantando e tocando guitarra, mujiks completamente embriagados, vestindo camisas vermelhas e azuis e com os capotes aos ombros.

— Subam, subam! — grita um rapaz muito novo, de pescoço taurino, avermelhado. Levo-os a todos, subam!

Estas palavras provocam gargalhadas e exclamações. — Meter ao caminho este lazarento!

— Tu estás doido, Mikol-

ka. Pois vais pôr um cavalo tão pequeno e velho a semelhante carro?!

— Isto é animal de seus vinte anos!

— Subam, subam, levo-os a todos! — exclama, novamente, Mikolka, que salta para o carro, toma as rédeas e fica de pé na almofada do veículo. O cavalo baio foi, há pouco, com o Matvié, e este diabo, meus amigos, faz-me de fel e vinagre. A minha vontade era matá-lo; não ganha o que come. Subam, subam, e verão como o faço galopar! Olé se faço!

E pega no chicote, satisfeito com a ideia de bater no pobre animal.

— Subam, vamos! Não diz ele que o mete a galope? — repete a multidão, cercando a carroça e caçoando.

— Há dez anos, com certeza, que não galopa!

— Há-de correr como o vento!

— Não tenham dó, meus amigos; pegue cada um no seu chicote, e preparem-se! — Está dito! Vamos a isso!

Sobem para a carroça de Mikolka, rindo e chalaçando. Já lá estão seis passageiros e há ainda lugar. Entre eles, vai uma aldeã gorducha, de faces rubicundas, vestindo jaleca de algodão vermelho e uma espécie de coifa ornada de missangas. Trinca avelãs e, de quando em quando, solta uma gargalhada. Na multidão que rodeia a carroça rompem, também, as risadas; e, na verdade, quem não há-de rir, ao pensar que

fal seneiro arrastará a galope toda esta gente!

Dois dos homens que subiram para o carroção pegam em chicotes, dispostos a ajudar Mikolka.

— Agora! — grita este.

O animal puxa com toda a pouca força, mas, longe de galopar, mal pode dar um passo: escorrega, resfolga e encolhe-se todo, recebendo as repetidas chicotadas que os três lhe vibram sobre o dorso. Redobra a alegria no carro e entre a turba; mas Mikolka perde a paciência e, desesperado, bate furiosamente no cavalo, como se realmente esperasse fazê-lo galopar.

— Deixem-me subir, também! — exclama, de entre os circunstantes, um rapazinho que está inquieto por se juntar ao alegre rancho.

— Sob! — responde Mikolka. Subam todos; e ele pode com todos; há-de poder por força.

— Papá, papá! — grita a criança. Papá, o que faz essa gente? Papá, estão a bater no pobre cavalinho!

— Vamos, vamos! — diz o pai. São bêbedos que se divertem, estúpidos... Vem; não olhes para lá!

E tenta levá-lo; porém, Rodion desprende-se da mão paterna e corre para junto do cavalo. Mas o pobre animal não pode mais. Arquejante, após um momento de descanso, volta a puxar, inutilmente.

— Chicote, até dar cabo dele! — grita Mikolka. Não há outra coisa a fazer. Eu ajudo!

— Bem se vê que não és cristão, lobisomem! — exclama um velho, de entre a turba.

— Viu-se, porventura, alguma vez, um animalinho assim puxar tal carroção? — acrescenta outro.

— Biltre! — vocifera um outro.

— Ele não é teu, ouviste?! É meu. Posso fazer-lhe o que me aprouver. Suba mais gente, subam todos. Há-de galopar por força!...

Mas a voz de Mikolka é abafada por gargalhadas ruidosas. A força de pancadas, e apesar da sua extrema fraqueza, o cavalo desatou aos couces. A hilaridade geral propaga-se até ao velho. Na verdade, o caso é para rir; um animal que não se sabe por que milagre se aguenta nas pernas, a escoucear!

Da multidão adiantam-se dois indivíduos que se armam de chicotes e vão, um da esquerda, outro da direita, espancar o cavalo.

— Dêem-lhe pela cabeça! Nos olhos, nos olhos! — grita, fulo, Mikolka.

— Vamos a uma canção, rapaziada? — propõe um dos do carro.

E todos entoam, em coro, uma canção, que um pandeiro vai acompanhando. A aldeã trinca avelãs e ri...

...Rodion aproxima-se do animal e vê que lhe batem nos olhos! O coração confrange-se-lhe, as lágrimas correm-lhe em fio. O chicote de um dos facinoros toca-lhe a cara; nem o sente. Estorce de desesperadamente as mãos e soluça. Acerca-se do velho de barbas e cabelo brancos, que, balouçando a veneranda cabeça, reprova aquela selvajaria. Uma mulher toma-o pela mão e quer afastá-lo do bárbaro espectáculo. Mas ele esquiva-se e volta para junto do animal, que já não pode mais e faz um último esforço para escoucear.

— Ah desalmado! — grita Mikolka, com a cabeça perdida.

Larga o chicote, tira do fundo do carro um pesado madeiro e, pegando-lhe por uma extremidade, com as duas mãos, brande-o com esforço por cima do cavalo.

— Escangalha-o! — bertram, em redor.

— Mata-o!

— É meu! — grita Mikolka.

E o madeiro, vibrado pelos seus vigorosos braços, cai estrondosamente no costado do animal.

— Cheguem-lhe! Cheguem-lhe! Por que param? — repetem várias vozes da turba.

De novo, o madeiro se ergue, de novo cai sobre o dorso da desgraçada besta, que vai abaixo com a violência da pancada. Contudo, faz um supremo esforço, e, com o pouco alento que lhe resta, puxa em diferentes direcções, tentando escapar ao suplício. Mas, por todos os lados, vibram os chicotes dos algozes. O madeiro, manejado por Mikolka, desanca ainda outra vez a vítima. O bruto está furioso por não matar o animal de uma só pancada.

— Tem fôlego de gato! — gritam os espectadores.

— Não terá por muito tempo. A sua última hora sou! — observa alguém.

— Um machado! — lembra outro. É a maneira de acabar já com ele.

— Deixem-me passar! — grita Mikolka, largando o madeiro e procurando no fundo da carroça uma alavanca de ferro.

— Afastem-se! — exclama ele.

E atira uma violenta pancada sobre o animal. O cavalo vai-se abaixo; quer ainda puxar, mas uma segunda pancada atira-o por terra, como se de um só golpe lhe tivessem cortado as pernas.

— Vamos dar cabo deste diabo! — brada Mikolka, saltando para o chão.

E toda aquela canalha lança mão do que encontra: paus, chicotes, fueiros, e atira-se sobre o cavalo agonizante.

Mikolka, junto do animal, bate-lhe continuamente com a alavanca de ferro. A besta estica-se, estende o pescoço e dá um último arranco.

— Morreu! — gritou a multidão.

— Mas, porque não havia ele de galopar?

— É meu! — exclama Mikolka, brandindo a alavanca,

com os olhos injectados, parecendo lastimar-se de que a morte lhe roubasse a vítima.

— Bem se vê que não és cristão! — dizem, indignados, muitos curiosos.

*

pequeno, desvairado, soluçando, abre caminho por entre a turba que rodeia o animal; segura a cabeça ensanguentada do cavalo, e beija-a nos olhos, ternamente... Depois, num movimento de cólera, com os punhos cerrados, atira-se a Mikolka. Nesse momento, o pai, que, há muito, o procurava, descobre-o e leva-o dali.

— Vamos, vamos para casa!

— Papá, porque... mataram... o pobre animal? —

(Continua na pag. 23)



RODRIGUES ALVES

FOI «O SÉCULO» O PRIMEIRO JORNAL QU

E REGISTOU

OS SUCESSOS, NATURAIS E SOBRENATURAIS QUE DECORRERAM NO HISTÓRICO

OBRENATURAIS DIA 13 DE MAIO QUATRO ANOS

TRANSCRIÇÃO DO SENSACIONAL ARTIGO DO GRANDE JORNALISTA AVELINO DE ALMEIDA, «COMO O SOL BAILOU AO MEIO DIA EM FÁTIMA»

DE HÁ TRINTA E QUATRO ANOS

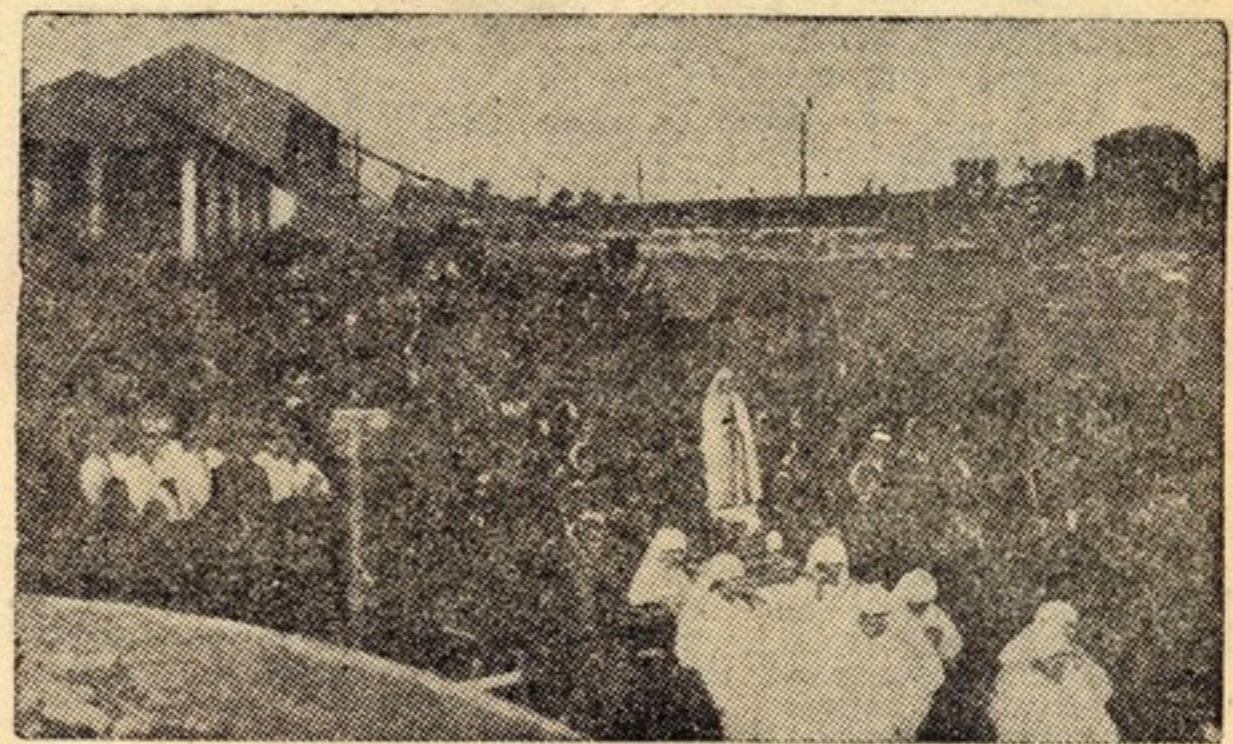
As aparições de Fátima datam de 1917, como se sabe. Deu-se a primeira em 13 de Maio e a última no mesmo dia de Outubro do mesmo ano. Eram tempos bem calamitosos esses. Abriam-se ainda sobre o Mundo, e sobre a Europa principalmente, as asas negras do sangrento conflito. Em Portugal, sacudido por uma política de desvaireamentos, sofriam-se também as consequências da participação na guerra. Aqui se ouviam clamores e as lágrimas. Andavam feridas de luto e angústia as almas. No meio das trevas, surge o clarão de Fátima. Por cinco vezes, esse clarão ilumina Portugal e o Mundo. A luz fez-se verbo, o céu falou, os homens foram convidados à prece e ao arrependimento. Incrédulos e ateu duvidavam, porém. Mas, o País, de boas raízes cristãs e formação católica, acreditava nos três videntes. Observando o movimento de Fé que por toda a terra portuguesa atravessou, «O Século», matutino de todos os acontecimentos nacionais, decidiu visitar Fátima, por intermédio de um dos seus redactores, descrever o que lá ia passar-se. Dar-se-ia o milagre que Nossa Senhora anunciou aos três pastorinhos? Avelino de Almeida, nosso brilhante e saudosos camarada, descreveu, fielmente, os sucessos (naturais e sobrenaturais), que em Fátima decorreram, nesse histórico 13 de Outubro de há trinta e quatro anos. Foi «O Século» — acrescentemo-lo — o primeiro jornal que registou o maravilhoso fenómeno e chamou para ele a atenção de todos os portugueses. Hoje, claro está, esse número (15 de Outubro, de 1917) representa uma raridade. Vamos por isso transcrever o artigo de Avelino de Almeida, na íntegra, com o relevo que o assunto exige e que o momento sobejamente explica.



Ao saltar, após demorada viagem, pelas dezasseis horas de ontem, na estação de Chão de Maçãs, onde se apearam também pessoas religiosas vindas de longes terras para assistir ao milagre, perguntei, de chofre, a um rapazito dos «char-à-bancas» da carreira, se já tinha visto a Senhora. Com seu sorriso sardónico e o olhar envidiado, não hesitou em responder-me: — Eu cá só lá vi pedras, carros, automóveis, cavalgaduras e gente! Por um fácil equívoco, o trem que nos devia conduzir, a Judah Ruah e a mim, até à vila, não apareceu e decidimo-nos a calcular corajosamente cerca de duas léguas, por não haver lugar para nós na diligência e estarem, desde muito, afreguesadas as carruagens que aguardavam passageiros. Pelo caminho, topámos os primeiros ranchos que seguiam em direcção ao local santo, distante mais de vinte quilómetros bem medidos. Homens e mulheres vão quase todos descalços — elas com saquites à cabeça, sobrepujados pelas sapatarras; eles abordoando-se a grossos varapaus e cautelosamente munidos de guarda-chuva. Dir-se-iam em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinteresse grande de paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando numa triste melopeia o terço. Uma mulher rompe com a primeira parte da Ave-Maria, a saudação; os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a súplica. Num

Os três pastorinhos de Fátima: Jacinta, Francisco e Lúcia, a vidente

passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e olivados, para chegarem, antes que se cerre a noite, ao sítio da aparição, onde, sob o relento e a luz fria das estrelas, projectam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita — para no dia de hoje verem melhor. A entrada da vila, mulheres do povo a quem o meio já infectou com o vírus do ceticismo, comentam, em tom de troça, o caso do dia. — Então, vais ver amanhã a santa? — Eu, não. Se ela ainda cá viesse! E riem-se com gosto, enquanto os devotos prosseguem indiferentes a tudo o que não seja o objectivo da sua romagem. Em Ourém só por uma amabilidade extrema se encontra aposentadoria. Durante a noite, reunem-se na praça da vila os mais variados veículos conduzindo crentes e curiosos, sem que falem velhas damas vestidas de escuro, vergadas já ao peso dos anos mas fasciando-lhes nos olhos o lume ardente da Fé que as animou ao acto corajoso de abandonar por um dia o inseparável cantinho da sua casa. Ao romper da alva, novos ranchos surgem intrepídicos e atravessam, sem pararem um instante o povoado cujo silêncio quebram com a harmonia dos cânticos que vozes femininas, muito afinadas, entoam num violento contraste com a rudeza dos tipos. O sol nasce, mas o cariz do céu ameaça tormenta. As nuvens negras acastelam-se precisamente sobre as bandas de Fátima. Nada, todavia, detém os que por todos os caminhos e servindo-se de todos os meios de locomoção para lá confluem. Os automóveis luxuosos deslizam vertiginosamente, tocando as buzinas;



Na terra, outrora lamacenta de Fátima, o povo aprendeu melhor a compreender a Fé

e o céu, ainda caliginoso, começa, de súbito, a clarear no alto; a chuva pára e pressente-se que o sol vai inundar de luz a paisagem que a manhã invernosca tornou ainda mais triste...

Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor...

A hora antiga é a que regula para esta multidão, que calcos desapaixonados de pessoas às e de todo o ponto alheias às influências místicas, computam em trinta ou quarenta mil criaturas... A manifestação miraculosa, o sinal visível anunciado está prestes a produzir-se — asseguram muitosromeiros... E assiste-se então a um espectáculo único e inacreditável para quem não foi testemunha dele. Do cimo da estrada, onde se aglomeram os carros e se conservam muitas centenas de pessoas, a quem escasseou valor para se meter à terra barrenta, vê-se toda a imensa multidão voltar-se para o sol, que se mostra liberto de nuvens, no zenite. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem o mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar: — Milagre, milagre! Maravilha, maravilha!

São perto de quinze horas. O céu está varrido de nuvens e o sol segue o seu curso com o esplendor habitual que ninguém se atreve a encerrar de frente. E os pastorinhos? Lucía, a que fala com a Virgem, anuncia, com ademanes teatrais, ao colo de um homem, que a transporta de grupo em grupo, que a guerra terminara e que os nossos soldados iam regressar... Semelhante nova, todavia, não aumenta o júbilo de quem a escuta. O sinal celeste foi tudo. Há uma intensa curiosidade em ver as duas rapariguinhas com suas grinaldas de rosas, há quem procure oscular as mãos das santinhas, uma das quais a Jacinta, está mais para desmaiar do que para dançar, mas aquilo por que todos ansiam — o sinal do céu — bastou a satisfazê-los, a radicá-los na sua Fé de carvoeiro. Vendedores ambulantes oferecem os retratos das crianças em bilhetes postais e outros bilhetes que representam um soldado do Corpo Expedicionário Português empando no auxílio da sua protectora para salvação da Pátria e até uma imagem da Virgem como sendo figura de visão... Bom negócio foi esse e decerto mais centavos entraram na algibeira dos vendedores e no tronco das esmolas para os pastorinhos do que nas mãos estendidas e abertas dos leprosos e dos cegos que, acovelando-se com os romeiros, agiravam aos ares seus gritos lancinantes... O dispersar faz-se rapidamente, sem dificuldades, sem sombra de desordem, sem que fosse mister que o regulasse qualquer patrulha da Guarda. Os peregrinos que mais depressa se retiraram correndo estrada fora, são os que primeiro chegaram, a pé e descalços, com os sapatos à cabeça ou depenjurados nos varapaus. Vão, com a alma em laisperene, levar a boa nova aos lugares que não se despoavam de todo. E os pais? Alguns compareceram no local, sorridentes, enfileirando mais com os espectadores curiosos do que com os romeiros avidos de favores celestiais. Talvez um ou outro não lograsse dissimular a satisfação que no semblante dos triunfadores tantas vezes se traduz. Resta que os competentes digam de sua justiça sobre o macabro baído do sol que hoje, em Fátima, fez explodir hosannas dos peitos dos fiéis e deixou naturalmente impressionados — ao que me asseguraram sujeitos fidedignos — os livres pensadores e outras pessoas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram à já agora celebrada charranca.



Os carros de bois arrastam-se com vagar a um lado da estrada; as galerias, as vitórias, os caleches fechados, as carroças, nas quais se improvisam assentos, vão ajudados até mais não poderem. Quase todos levam com os farneis, mais ou menos modestos, para as bocas cristãs a ração de folhelo para os irracionais que o «povorelo» de Assis chamava nossos irmãos e que cumprem valorosamente a sua tarefa... Tinta uma ou outra guiseira, vê-se uma carruinha adornada de buxo; no entanto, o ar festivo e discreto, as maneiras são compostas e a ordem absoluta... Burrinhos choutam à margem da estrada e os ciclistas, numerosíssimos, fazem prodígios para não esbarrar de encontro aos carros. Pelas dez horas, o céu tolda-se totalmente e não tardou que entrasse a chover a bom chover. As cordas de água, batidas por um vento agreste, fugiram os rostos, enchecendo o macadame e re-passando até os ossos os caminhantes desprovidos de chapéus e de quaisquer outros resguardos. Mas ninguém se impacienta ou hesita de prosseguir e, se alguns se abrigam sob a copa das árvores, junto dos muros das quintas ou nas distanciadas casas que se debrucam ao longo do caminho, outros continuam a marcha com uma impressionante resistência, notando-se algumas senhoras cujos vestidos colados aos corpos por efeito do impeto e da pertinácia da chuva, lhe desenham formas como se tivessem saído do banho!

Aos olhos deslumbrados daquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos, e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fora de todas as leis cósmicas — o sol aballou, segundo a típica expressão dos camponeses... Empoleirado no estribo do auto-omnibus de Torres Novas, um ancião cuja estatura e cuja fisionomia, ao mesmo tempo doce e enérgica, lembram as de Paul Déroulède, recita, voltado para o sol, em voz clamorosa, de princípio a fim, o Credo. Pergunto quem é e dizem-me ser o sr. João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha Vasconcelos. Vejo-o depois dirigir-se aos que o rodeiam e que se conservam de chapéu na cabeça, suplicando-lhes, veementemente, que se descobriam em face de tão extraordinária demonstração da existência de Deus. Cenas idênticas repetem-se noutros pontos e uma senhora clama, banhada em alívio pranto e quase numa sufocação: — Que lastima! Ainda há homens que se não descobrem diante de tão estupendo milagre! E, a seguir, perguntam uns aos outros se viram e o que viram. O maior número confessa que viu a tremura, o bailaio do sol, outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da própria Virgem, juram que o sol girou sobre si mesmo como uma roda de fogo de artifício, que ele baixou quase a ponto de queimar a terra, com os seus raios.

"ASPAS & Sublinhados"

DE RODRIGO DE MELO

CAMILO, ESPECTADOR VII

NAS caducadas literariamente, «Memórias de Guilherme do Amaral», a carta deste que passa pela pág. 50.ª da 6.ª ed. celebra isto, do carnaval de 1840: «mão pequenina, que me tocou no ombro; voz melodiosa que me disse: Triste! Era no teatro de S. João». Pela amostra, esse entrudo não foi demasiadamente animado, no Porto...

Nas ultra-jocosas «Cenas da Foz», vem, passando para o cimo da pág. 14.ª da 7.ª ed.: «Então era ele o esbelto e galhardo, amigo de mulheres novas e vinho velho, como Byron, que ele vira no teatro de S. Carlos em 1813, e afirmava que bebeu com ele uma garrafa de aguardente de cana no Nicola. botiquineiro (sic) do Rocio. Parece-me péta, porque Byron, se embracasse uma botelha de aguardente em Portugal, não nos chamava bárbaros.

Por um criado preto brincar suspeticamente com a Hermenegilda da referida novela, diz Camilo na própria página número 22, ao namorado desta: «Não sei se o moleque conhece o Otelo de Shakspeare. É certo que o Otelo era preto e sentiu a mais negra das paixões por uma branca. Não sei também se a filha de Brabantio lhe puxava a ear e carapinha, como faz a filha do sr. Pantalão ao dito preto. Em todo o caso há muito a recocar do espirito de imitação porque o plagiato do amor é de todos os plagiatos o mais nocivo. Por imitação ama-se, por imitação deshonra-se, por imitação, casa-se, por imitação, suicida-se. Quem sabe se a sr.ª D. Hermenegilda, para imitar Desdemona, introduziu o preto no coração?».

Antes, na pág. 19.ª, flagelara de ironia os pseudo criticos, ou *tolhetinistas*, como se dizia, do Teatro Lírico.

Em «ESTRELAS PROPICIAS», 5.ª ed., pág. 15.ª o nobre pai Gastão (perduário de quem se conta duas laudas antes, que muito gastara em Paris — o que possui aparências de boa coerência etimológica...) de Noronha leva a família para o Porto, cidade muito superiorizada no livro como mais divertida e operosa do que Lisboa, — simpático pelos gabos que a Imprensa portueusa dispensava à sua companhia lyrica!

Joaquim, o mano próspero do triste bacharel António, galá barcelense para Corina da Soledade, — projecta optimismos, na pág. 37.ª, para despoliar o rapaz sem emprego: «Depois as nossas irmãs se estiverem solteiras, vêm para a nossa companhia, e vão connosco aos bailes e aos theatros...» Em divertido calembur, a companhia fraterna era pois também *companhia theatral*...

A pág. 148., participa: «Abrui-se o theatro lyrico no Porto. O brazileiro (o pseudo Carlos Zuzarte, aliás Fernando de Athaide, elucudados nós) convidou a hospedeira família a visitarem (concordância camiliana frequente) a galera que elle tinha fundeada no Douro, e a gosarem-se de algumas noites de theatro.

Cena e ironia de pág. 186.ª, quando Corina, secretamente ida ao Brasil aparece de chofre ao amado: «entrou de corrida, leve como um gnomo, a rir e a cho-

rar, purpureada, com os olhos a saltar-lhe (talvez ficasse melhor a *esaltarem-lhe*) da face, os braços abertos e convulsos, a respiração como tomada e os lábios crispando nervosamente, sem poderem proferir o *quer que era de que só os dramaturgos acham sempre uma expressão insípida, incolor e inverosímil* António d'Azvedo é que (sem desaire seja dito) deu uns ares de idiotismo que, na scena, seriam lastimáveis!

Nas «ETRELLAS FUNESTAS» Camilo atribui ao «métier» das trágicas (pág. 46.ª da 7.ª edição) duas movimentações praxistas: (Maria das Dores) «affastou da frente os cabelos como fazem na tragédia as doudas, ou as arriscadas a isso; levantou-se cambaleando, segundo a arte, etc.

O protagonista, Gonçalo Malafaya, raz de ciúmes a esposa, Maria das Dores Azinheiro, por causa da cantarina italiana Persini, de quem diz entre outros males a pág. 60.ª: «A actriz era uma vulgar mulher, carocida mesmo da singularidade da orelha, que, a meu ver, é singularidade de pouco momento, quando alguma tragédia lhe não dá o relevo. Tragédias na vida da cantora havia apenas as do libretto, em que ella mesmo assim figurava na parte inoffensiva dos compassos, e tinha sempre a cargo lamentar a prima-dona que morria às mãos do tyrano, ou o galan que lhe pedia por grande mercê um pouco de verdete para se matar, como trahido ou desamado pela ama d'ella. Pobre Persini! Maria das Dores, ou ciumenta ou vaidosa, como Camillo extrema, chegou a «alliciar leucos para a espancaram (à diva) à sahida do theatro. A ligação foi passageira. A italiana, passando pouco, mal recordava as feições do fidalgo portueño. Chamava-lhe t-árca a opinião pública; e a pobre Persini não era senão a comédia humana real e pessoalíssima» Decorrendo a acção do romance em 1799, então se considera já desconcerto de Juizo a trágica façanha de Francisco de Athayde querer matar Gonçalo, por Beatriz, já morta no convento, não querer ser daquele e não ter podido ser deste: «Relance de melodrama, ou seria muito de ver no palco! — Julia o *Portitor* na pág. 75.ª.

Uma directora de collegio e um seu amigo falam de magia na lauda 94.ª e não a negam em absoluto «porque um e outro tinham visto cousas admiráveis em magia no theatro do Bairro Alto, no da rua dos Condes, e mesmo fóra do theatro».

Despedida da menina Maria Henriqueta ao conde de Monção, que não queria para marido (págs. 135.ª e 136.ª): «Levantou-se, fez uma mesura de espanto, como era stylo, e sahio magestosa, afastand., a cauda com garbosa arrogancia, cujas tradições ainda se vislumbram nas erandes trágicas sobre o tablado, em que a vida, e a mulher e os ademanes se conservam nos sublimes moldes dos antigos tempos.

«A MULHER FATAL», na pág. 27.ª da 7.ª edição, lá traz o negreiro com 45 anos casado há 3 com Júlia de Carvalhais (alusões transparentíssimas a figuras vivas

(Continua na pág. 22)

AS CORRIDAS DA FEIRA DE Vila Franca



TOUROS

CRONICAS * ECOS * IMPRESSOES

Por PEPE LUIS

A primeira corrida da tradicional feira ribatejana teve uma farta concórdia de público, como é hábito na abertura da série dos festejos, especialmente quando está um dia de sol, como o de domingo. O cartaz era de qualidade a atrair, não há dúvida, mas os touros dos irmãos Paiva Branco prejudicavam, de certo modo, o resultado artistico. Eram todos gordos, mas quanto a condições de lide apenas se aproveitaram os três últimos.

Da cavalaria, o consagrado Nuncio não teve touros para luzir-se; no entanto, demonstrou os seus altos méritos, ao sacar os inimigos das querencias, para realizar as sortes que elegeu. O seu colega Salgueiro houve-se com garharia, em particular no 6.º, um sberrendo de carnes e tipo.

Dois gloriosos novilheiros portueuses, António dos Santos e Francisco Mendes — que trazem a marca da escola da Golega — agradecem o publico, matizando a lide dos dois últimos novilhos, num brilhante conjunto de momentos, nos quais empregaram toda a gama da sua arte e valentia, numa demonstração nitida de uma classe e primoroso estilo que os conduzirão a postos elevados do toureio. O primeiro já com bastante prática e o segundo está-se afirmando de uma forma vertiginosa.

Destacaram-se na brega Augusto Gomes — que se apertou nuns bons lances a um touro de poder — Correia Saraiva, Costa e Cipriano, havendo os dois últimos bandari-

lhado. O grupo de forcados vilafraquenses de José da Vila portou-se valentemente. A segunda corrida foi a portueusa, com touros de Vaz Monteiro, para os cavalleiros Simão, D. Francisco Mascarenhas e Salgueiro, e dois grupos de forcados de Vila Franca e Albandra; e, a terceira, foi nocturna, com touros de José Pedrosa, lidados por Simão e Rosa Rodrigues e os matadores Diamantino Viseu, António Ordóñez e o novilheiro Rogério Vagde. As pegas estiveram a cargo do grupo de amadores de Lisboa, chefiado por Nuno Salvatão Barreto. A série terminou com um festival de amadores na tarde de quinta-feira.

ECOS TAURINOS

*** Na corrida da feira dos Santos, deste ano, no Cartaxo, toureiam os cavalleiros Simão da Veiga, F. Salgueiro, D. João de Mascarenhas e Ribeiro Teles.

*** Pepin Martín Vasquez, que ainda está a sofrer da grave colhida que o vitimou há meses, na praça de Lima, está a tourear em Espanha, antes da sua partida para a América do Sul.

*** Nas duas novilhanas des festas de Avila actuaram Juanito Alvarez, Corvello e Fernando Serraz cortando e portueusos duas oreilhas.

PORTUGUESES

A apresentação do novilheiro António dos Santos, na praça Monumental de Madrid, representou um triunfo bem significativo na carreira do jovem toureiro da Golega.

É certo que o debutante não cortou oreilhas — como observa Garcia Rolo no «Yá» — mas deixou indeléveis vestígios de uma aptidão para cortar matas. Realizou uma grande «taena» de muleta, satú aos ombros dos entusiastas, sem que para isso fosse necessário recorrer à manoleitina... acentua o velho, crítico.

Outro novilheiro portueus, teve, há dias, uma actuação triunfal em Espanha: foi o coruchado Joaquim Marques, que, após um intervalo de dois anos voltou a exhibir-se, com êxito em terras daquele país. Desta vez foi em Espinar, onde Joaquim Marques obteve duas oreilhas e seida em ombros. É mais um toureiro nacional que tem um belo futuro, na sua frente.

Numa praça mais modesta, em Fregenal de la Sierra, debutou o novilheiro portueus, Helder David, que foi aluno da Escola Tauromáquica Alfredo dos Santos e está disposto a seguir a profissão de matar reses brancas. Matou um novilho, com uma estocada e um adescabellos, na corrida que era de carácter económico, e nela coa-



O estreade Helder David, Petroni e António Augusto na praça de Fregenal de la Sierra

Doraram os portueuses António Augusto e Petroni.

NAS ARENAS ESPANHOLAS

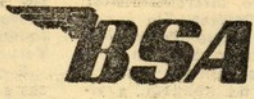
PROCURE

AS ARMAS B. S. A.,
DE FAMA MUNDIAL,
EM TODAS AS BOAS
ESPINGARDARIAS



- BSA 303 - CARABINA PARA CAÇA GROSSA.
- BSA 22 - CARABINAS PARA CAÇA E TIRO AO ALVO.
- BSA 22 E 177 - ESPINGARDAS DE AR COMPRIMIDO.

ARMAS



PEÇA CATÁLOGOS ILUSTRADOS E
ESCLARECIMENTOS AOS AGENTES EXCLUSIVOS.

MARTIN LESLIE & C., LIMITADA

RUA VICTOR CORDON, 31 - LISBOA - TEL. 3 2824

EM TODO O MUNDO



Os bons dias começam com Gillette

O gaúcho é espertalhão
Indolente, mas reflecte:
P'ra poupar um trabalhão
Faz a barba com Gillette.



Sim, também nos outros países os homens mais inteligentes iniciam o seu dia com um esbanjamento limpo e perfeito. Sabem que nenhuma outra lâmina é capaz de igualar a Gillette Azul, maravilhosa afiada e duradoura.

Lâminas Gillette Azuis

F. LIMA & C.ª SUCR.

PORTO - Largo do Padrão, 20

LISBOA - Rua Alves Correia, 37, 2.º

Quer Ganhar Mais Dinheiro?



Aprenda

RÁDIO e TELEVISÃO

Preparar-lhe-hei em sua própria casa, durante as suas horas livres para que você estabeleça

O SEU PRÓPRIO NEGÓCIO!

Gostaria você de ser o seu próprio **Chefe** - de ver o seu nome sobre a porta de uma Oficina de Rádio próspera e lucrativa? Pois então, escreva-me solicitando o meu Livro gratis no qual você verá como lhe poderei ajudar a começar. Ensinar-lhe-hei como instalar e reparar todas as classes de receptores. Desde o princípio dar-lhe-hei lições com as quais você poderá fazer e executar reparações de rádio nas suas horas de folga, durante o seu curso. Ajudar-lhe-hei a preparar-se estabelecer a sua própria Oficina de Consertos, sem necessidade de capital - para obter um magnífico emprego em difusoras, sistemas de amplificação de alto-falantes, venda e distribuição de receptores, televisão, etc. A distância que nos separa não é obstáculo. Tenho ajudado a centenas de indivíduos em muitos diferentes países a ganhar mais dinheiro. A você também, poderei lhe ajudar.

Você Receberá 10 Jôgos de Peças de Rádio

Enviar-lhe-hei 10 jôgos de peças de radio com os quais você poderá executar centenas de experiências e construir muitos circuitos de rádio, assim como um Receptor Superheterodino de 8 válvulas, 4 faixas, de ondas longas e curtas.

C. H. MANSFIELD, Presidente Hollywood Radio and Television Institute Hollywood 28° California, U. S. A.

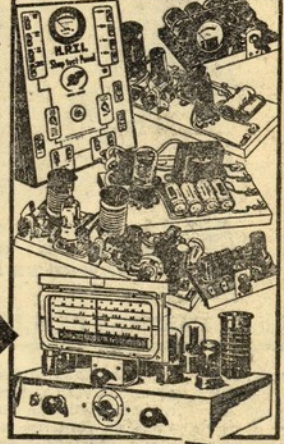
C. H. Mansfield, Pres. Dept. SL-96 Hollywood Radio and Television Institute 7078 Hollywood Boulevard, Hollywood 28, Calif., U. S. A. Queira ter a bondade de mandar-me o seu Livro Gratis "Oportunidades para Você em Rádio e Televisão."

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____

APRENDA PRACTICANDO



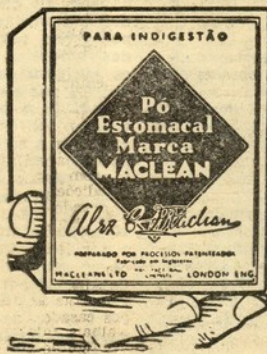
ESTE LIVRO
GRATIS

PELES

Lindos modelos, Casacos e estolas
Transformações pelos últimos figurinos
Curte, tinge e confecciona
Pastas, malas e novidades

PELARIA MODELO - R. da Frata, 279 | CASA PAIVA - R. do Ouro, 203
Telefone, 2 8395 | Telefone, 3 2874

DORES DE ESTÔMAGO



MOTIVADAS POR INDIGESTÃO

Experimente só UMA DOSE DE MACLEAN BRAND STOMACH POWDER. Esta receita preparada cientificamente alivia com rapidez as Dores de Estômago, a Flatulência, a Sensação de Ardor, as Náuseas e a Acidez devidas a indigestão.

MACLEAN
BRAND
Stomach Powder

Também se vende em comprimidos

• A ENCONTRA EM TODAS AS FARMÁCIAS

S. E. O CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA



**NÃO foi a Igreja que
impôs Fátima.
Foi Fátima que se im-
pôs à Igreja.**

CARDEAL CEREJEIRA

MAS a multidão devota não se contenta com visitar a Virgem na mela luz da galilé: quer vê-la cá fora, ao ar livre, na plena claridade da Cova da Iria, que Ela, com a sua real presença divina, sagrara e para sempre glorificou. E o seu quintal serrano; é o seu Jardim de Milagres.

Então tiram-na de cima do pedestal de pedra branca, põem-na num andor dourado e trazem-na a passear pelo meio de toda a gente que a ama — Portugal fora, pois Portugal inteiro está aí representado por milhares de pessoas vindas das capitais, das vilas, das aldeias, dos lugares de pouca monta.

Organiza-se a procissão: na frente, brilham as cruzes de prata das confrarias; florescem, no meio da massa densa e colorida dos peregrinos que se entalam para se aproximarem, para verem melhor, os estandartes, as bandeiras e os galhardetes, de estins variegados e metálicos, das muitas Associações Cristãs, Congregações Marianas e Pias Uniões, que se agrupam e vêm cantando seus versos religiosos:

— Avé, Avé, Avé, Maria!

Seguem-se esculcas e, em duas filas, seminariatas com suas alvas sobrepelizes, padres, priores, cônegos, bispos com suas batinas, murças e barretes cor de olaia, seus roquetes de rendas; e logo o andor dourado de Nossa Senhora, aos ombros das servitas, — sacerdotisas leigas, vestidas de batas e coifas brancas com o santo Sinal da Cruz Vermelha das enfermeiras cristãs Todos vão entoando hinos à Virgem Santíssima:

— Avé, Avé, Avé, Maria!

Acenam-lhe com lenços brancos, saudando-a; atiram-lhe cestadas de pétalas de flores, glorificando-a.

Seramente, como barquinha de ouro sobre multicolors águas de ondulação suave — risonha, as mãos postas, mas assim mesmo a todos abençoando — a Virgem-Mãe segue no seu desolado passeio, brando como de ave, pelo meio de seus filhos que a festejam, entusiastas e enternecidos, com hinos clamorosos. E é tão largo, tão cheio, tão intenso, tão veemente este coral de milhares de vozes exaltadas, que ele trasborda na Cova, enche o Espaço, sobe as Alturas: dir-se-ia que o conduz do infinito a batuta de ouro de alados serafins de ouro.

Nossa Senhora, direita à basilica, vai agora subindo a encosta, entre fileiras de povo ajoelhado que lhe reza com a boca trémula, os olhos chorosos, a expressão amorosa, e sempre milhares de vibrantes lenços brancos lhe acenam e a saudam.

Já sobre os degraus da escadaria que conduz ao patamar do pórtico da igreja, em construção, onde se vai celebrar a missa propiciatória, instalam-na, do lado da Epistola. Daí assistirá à «Missa dos doentes», face a face deles, e da multidão que, na extensa frente, enche a vasta Cova da Iria e a desborda, pelas alturas. Daí ouvirá a «Ladainha» de seus louvores e a «Ladainha» dos ais de seus enfermos. Por todos eles, misericordiosa e doce, pedirá ao Filho — o seu muito amado Jesus.

Principiou a missa. A multidão, em pé, acompanha-a, mas é a Virgem que lhe atrai as maiores atenções; Ela, a intercessora, a quem reza com a alma inteira, a quem atira, ao Alto, seu coração piedoso.

Porém um raro espírito existe ali, entre milhares de devotos de Maria Santíssima, que entende isto diferentemente: é Lúcia, o «Peregrino Oculto». Ela é, em Fátima, a única pessoa que dispensa a imagem, tanto a sua alma traz em si a realidade de que outros apenas vêem a representação. Diante da imagem, a virgente dirige-se directamente ao tema substancial evocado por essa figura e, pron-

Seus olhos são doçura, mas no fundo penam: Ela vê a angustia estrangulada das almas que se lhe dirigem.

E a hora dos joelhos em terra, das mãos erguidas, dos olhares suplicantes à Mãe de Deus, e dos Homens, para que seu divino Filho os veja, os ouça, os atenda, lhes acuda. E a hora dos sorrisos prostrados que imploram sorrisos compassivos. E a hora das captações aliciantes do favor celeste. E a hora das lágrimas, dos suspiros, dos soluços. E a hora dos últimos apelos, dos derradeiros recursos: — é a hora dos Milagres!

E a «Missa dos doentes» lá continua em sua augusta transcendência.

O Credo enche com seu olhar infinito o Espaço entre a Terra e o Céu.

Ao erguer a Deus, tilintam, chilreiam, como rovoadas de calhandras na rosa e no ouro das madrugada, as campainhas de timbre de prata. Todo o imenso arraial se ajoelha, se curva, se recolhe, se concentra em absoluto silêncio, absoluto respeito, absoluta devoção. Minuto único! Essa multidão de cérebro e de corações pensa e pulsa a uníssono na mesma ideia, na mesma comoção religiosa em transporte sobrenatural ao maravilhoso que nesse divino momento vive e impera em Fátima. O Silêncio ora ao Verbo todo poderoso.

E o Sacrifício divino continua entre rezas e cores

Está a findar.

— Ite, missa est.

A VIRGEM PASSEIA NA COVA DA IRIA E ASSISTE À MISSA DOS DOENTES

Por ANTERO DE FIGUEIREDO

to, a visão celeste dissolve o elemento sensível; e logo seu anelo místico se extasia ante a Beleza Santíssima.

Uns por seu pé, outros em cadeiras de rodas, ou em «cadeirinhas» de quatro mãos em molete de quartos, em macas rodadas ou ainda aos ombros dos servitas, os doentes que, vindos de todas as partes, passaram a última noite no Hospital, onde os em perigo de vida receberam a Extrema-Unção — os doentes foram carinhosamente conduzidos e transportados para diante da basilica, na pequena esplanada aquém da grande escadaria. Em muitas fileiras paralelas à linha do altar, no alto, uns sentados em bancos, ou em cadeiras, outros estendidos em macas ou em estreitos colchões por terra, todos, sob alpendres de oleados amarelos que lhes tiram o sol ou os abrigam da chuva, cercados pela família e por servitas caridosas, que os amparam com sorrisos e com esperanças, que os confortam com preces; — todos assistem a esta missa rezada por um bispo acompanhado por seminariatas que entoam cantos litúrgicos. Ampara-os também a comoção da multidão que, despreendida dos seus egoísmos, nesse momento vira suas almas para o sofrimento alheio e por todos pede e reza. Ah! mas ampara-os sobretudo, a Virgem Santíssima, que, mãos em prece, preside a este Congresso de Dores e Súplicas. Sua boca sorri, mas seu coração está triste: Ela ouve as lástimas dos corações doridos.

Do alto da escadaria o bispo, na augusta atitude da sua pessoa sagrada, traça sobre o arraial uma benção amplíssima que, além de abranger toda a Cova, parece abranger Portugal inteiro; mais: tão universal que dir-se-ia lançada à humanidade que espiritualmente se avista desta serra maravilhosa.

E assim termina a santíssima missa dos nossos enfermos presentes, dos nossos enfermos ausentes, e ainda, dos enfermos alheios, — de todo o Mundo, os quais, nesse momento, estão rogando a Deus a cura de seus males.



Esta
simples
mulher
do povo
é a mãe
da vi-
dente
Lúcia.



PARTIU PARA OS ESTADOS UNIDOS O SR. CARLOS ALBERTO PEREIRA DA ROSA

A convite do Governo de Washington, partiu há dias, de avião, para os Estados Unidos o sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, membro do Conselho de Administração da Sociedade Nacional de Tipografia e director do «Século Ilustrado» e da Colónia Balnear Infantil do «Século», que ali sob os auspícios da Conferência de Orientação Civil, visitará fábricas e instalações militares americanas para a defesa da paz mundial. O nosso director teve uma despedida muito afectuosa, comparecendo no Aeroporto além de sua esposa e mais família, pessoal de todas as secções do «Século», membros da Embaixada americana e da missão militar do Pacto do Atlântico, e ainda outras pessoas das suas relações e amizade.

O PRESIDENTE DO MUNICIPIO DE NOVA YORK, EM LISBOA

O sr. Vicente Impellitteri, presidente da edilidade de Nova Iorque, e sua esposa, passaram, há dias, por Lisboa. Antes de voltarem a visitar a cidade, a objectiva focou-os a bordo do «Vulcânia», com pessoas das suas relações



FIGURAS & FACTOS



VIDA DESPORTIVA

A imagem mostra o nosso colega na Imprensa Rebelo da Silva, quando, no último domingo, durante o encontro Benfica-Oriental, entregou a um dos directores do clube, a Taça de ouro que perpetua a história da popular agremiação desportiva, na Taça Latina



O GOVERNADOR DE MACAU SEGUIU PARA AQUELA PROVINCIA

A bordo do «Vulcânia», embarcou, há dias, para os Estados Unidos, de onde seguirá de avião para Macau, o sr. capitão-de-mar-e-guerra, Joaquim Marques Esparteiro, novo governador daquela nossa provincia ultramarina. A partida do ilustre oficial — que segue na companhia de sua esposa e filhas, e do seu chefe de gabinete — estiveram a bordo, a apresentar-lhe despedidas, numerosas individualidades, nomeadamente os srs. Ministro da Marinha e comandante Galeão Roma.

COMISSÁRIO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA

Numa cerimónia a que presidiu o sr. Ministro da Educação, e que foi muito concorrida, o sr. prof. dr. Gonçalves Rodrigues tomou posse do cargo de Comissário Nacional da M. P. A imagem documenta a cerimónia, no momento em que o titular daquela pasta, proferia o seu discurso.



UM OPTIMO

Brande

DEVE SER UM

Brande

VELHISSIMO

Brande

Borges

ed

VELHISSIMO
SEGUNDA CLASSIFICACAO
EXTR. PURO PORTUGUEZ

A VISITA DO CARDEAL TEDESCHINI legado de S. Santidade O PAPA PIO XII



O sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa saudou S. E. o Cardeal-Legado, a quando da recepção que, em sua honra, se realizou, com a maior solenidade, nos Paços do Concelho



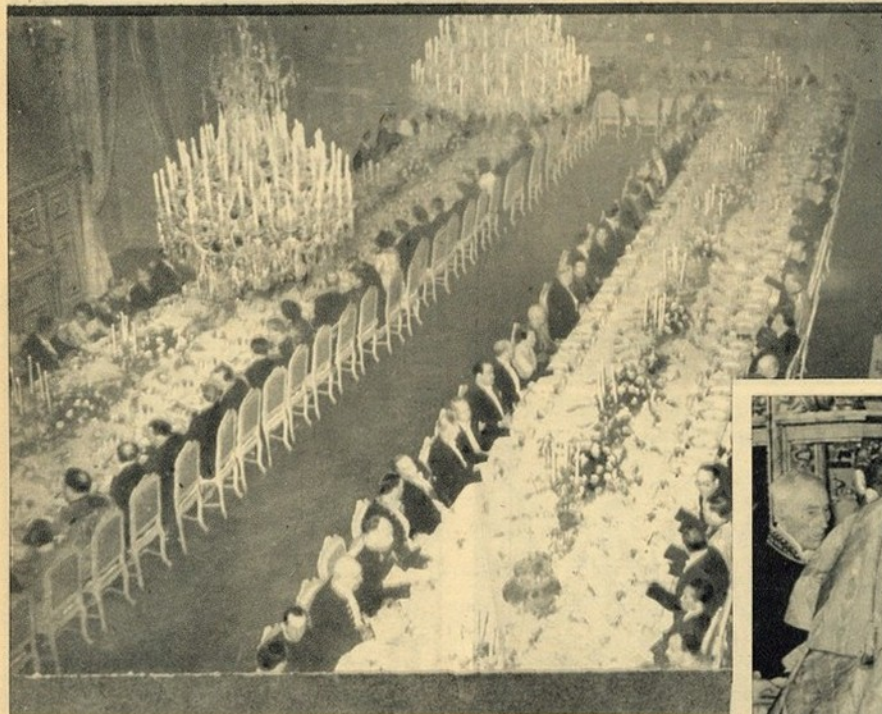
Na Nunciatura Apostólica, efectuou-se um banquete em honra do Cardeal-Legado, que, nesta granura, se vê junto dos srs. Presidentes da República e do Conselho



Pouco antes de regressar a Roma, S. E. o Cardeal-Legado voltou a avistar-se com o sr. Presidente do Conselho



Durante a sua permanência em Portugal, S. E. o Cardeal-Legado Tedeschini esteve instalado no Palácio de Queluz. A imagem reproduz o momento da sua chegada àquele palácio, na companhia de altas individualidades portuguesas e estrangeiras



BANQUETE EM HONRA DE S. E. O CARDEAL-LEGADO

NO sumptuoso ambiente do palácio da Ajuda — acertadamente valorizado com decoração de plantas e rebrilhando as lustres e candelabros, realizou-se o Banquete que o sr. Presidente da República e sua esposa ofereceram ao sr. Cardeal Tedeschini e a que assistiram as mais representativas figuras da vida portuguesa contemporânea, e estrangeira, de passagem em Portugal, por motivo das celebrações do Ano Santo.

Durante o banquete — que foi precedido da imposição ao legado do Pontífice, pelo Chefe do Estado, das insígnias da grã-cruz da Ordem de Santiago — o sr. general Craveiro Lopes pronunciou um notável discurso, dirigido a S. E., que, depois, agradeceu ao Chefe do Estado as suas saudações.



EM CIMA: Um magnífico aspecto do banquete, no Palácio da Ajuda. A DIREITA: S. E. o Cardeal Frederico Tedeschini brinda ao Chefe do Estado

A CAMINHO DE FÁTIMA



Na sua viagem de Lisboa à Cova da Iria, o sr. Cardeal-Legado visitou, interessadíssimo, o Mosteiro de Alcobaga

S. E. o Cardeal Tedeschini — Cardeal-Legado de S. S. Pio XII às celebrações do Ano Santo em Portugal, e figura eminentíssima da Igreja Católica — foi alvo de grandes e bem significativas homenagens através do longo caminho que, em imponente cortejo, separa Lisboa da Cova da Iria. Nas estradas, cidades e vilas que atravessou, S. E. o Cardeal-Legado recebeu, assim, as homenagens espontâneas e vibrantes de grande multidão que se aglomerou para o aclamar — numa manifestação de respeito e Fé que muito o impressionaram e sensibilizou, e que teve, na sua chegada ao recinto do Santuário, uma apoteose magnífica, após uma jornada que, para sempre, perdurará na memória de todos que a ela assistiram.



Momentos antes da chegada do sr. Cardeal Tedeschini a Fátima, já aí o aguardavam altas figuras, nomeadamente S. S. E. E. os srs. Cardeais Patriarca de Lisboa e de Lyon



Após a sua chegada a Fátima, o sr. Cardeal-Legado recebe os cumprimentos de boas-vindas do sr. Bispo de Leiria



Sobre as capas dos estudantes — tapete negro na terra sagrada da Cova da Iria — o sr. Cardeal-Legado entra, triunfalmente, em Fátima



FÁTIMA E O MILAGRE DA FÉ



Aos ombros dos devotos, Nossa Senhora de Fátima é conduzida processionalmente na Cova da Iria.



Na terra de Fátima, entre cânticos e orações de gentes de todo o Mundo, estandartes e bandeiras ondulam ao vento. A SEGUIR: A procissão das velas, quadro de luz e Fé, debruçado sobre o Mundo



Membros do Governo — entre os quais, o sr. Ministro da Presidência, em representação do Chefe do Estado — assistindo às cerimônias, na Cova da Iria

A ESTRELA E O DESTINO

NUMA curva de pedras e espinhos, o homem pensou em desistir, ansioso de silêncio, sossego e esquecimento. Mas não seria uma covardia? Subira-lhe a pergunta aos lábios ressequidos; todavia, supôs que ela chegava de longe e de outro mundo. Parecia outra voz, ignorada aos seus próprios ouvidos, levantando-se porventura das frias ruínas do seu passado e do seu coração. Nervoso e desesperado, levou as mãos à cabeça. Não queria aceder a convites nem ouvir interrogações. Nada queria escutar. Ansiava apenas beber a taça de um sono sem fim.

De súbito, no céu profundo de ameaças uma estrela surgiu, maravilhosa, tudo iluminando. Foi uma revelação que lhe deu coragem para continuar o caminho. Confiante, deixou-se guiar pelo jarol do firmamento. Vozes de pastorinhos chegavam da serra, dando-lhe fé e comunicando-lhe certeza. Então, sentiu-se outro, outro também o seu coração, completamente renovado, como se tivesse renascido.

Tornou-se soldado e jardineiro de Nossa Senhora de Fátima. E, não sabendo rezar, algum tempo ainda lhe levou a descobrir a distância da terra ao céu. Mais tarde, ao dividir o único pão que possuía com o desconhecido da mesma estrada, venceu essa longura (só na aparência invencível) e, comovido, sentiu que havia encontrado Deus. Sairam-lhe da boca palavras de Whitman, lidas na mocidade: «Todos os homens são iguais sob aspectos diferentes». E compreendeu pela primeira vez esta legenda no sangue e na própria alma.

Renascer a todas as horas, renascer em pensamentos e actos de caridade, humildade e fraternidade passou a ser a sua permanente tarefa. Sabe enfim para que veio e para que aqui está, assim como sabe para onde se dirigirá, depois. São mãos de fraternidade as que oferece ao seu semelhante e a sua simpatia, em ondas humanas, abrange o próximo e o universal. Milhões de outros ainda não o sabem, porém, considerando o homem como pouco mais que um boneco científico. Escravos de ambições terrenas, acumulam riquezas e benefícios que serão reduzidos a pó, como tudo quanto é material e efêmero. Precisam de aprender que se encontram num planeta de aparências e que, se não procuram a perfeição e trabalham pelo resgate, terão de voltar a sofrer novamente.

Aquele que ouviu Fátima e segue a estrela maravilhosa vai sempre adiante, aquecido de fé e animado de coragem, ciente de que, nas dores, nas incertezas e nos tormentos que ainda tiver de passar, nunca estará só.

QUEDES DE AMORIM



Ao Evangelho, S. E. o Cardeal Tedeschini pronunciou uma homilia, dirigida aos fieis



Os parques de automóveis (e muitos foi necessário estabelecer) eram autênticas manchas negras, em redor do imenso recinto



Os membros do Governo, presentes em Fátima, dirigem-se para a tribuna de honra



Entre as cerimónias da noite e as que se realizaram na manhã seguinte — os peregrinos aproveitavam alguns momentos para tratar da sua toilette



O sr. Bispo de Leiria, apesar de doente, também se incorporou na procissão, fazendo-se transportar numa cadeirinha



O príncipe Chigi também esteve presente a todas as celebrações. Aqui o vemos na tribuna de honra



Foram estas brigadas da P. V. T. que, segundo um plano prévia e magnificamente estabelecido, mantiveram a regularização do trânsito, em todas as estradas que ligam a Fátima



Os Serviços da Saúde, instalados da melhor forma, desempenharam-se magnificamente da sua missão. Eis um aspecto de um dos seus acampamentos



A esposa do Chefe do Estado e a irmã do Papa assistem, na tribuna de honra, ao decorrer das cerimónias. A direita, vê-se o sr. ministro das Obras Públicas

Seguido do seu séquito, o Cardeal-Legado, abandona o Hospital Velho, para logo se encorporar na imponente procissão da manhã do dia 13



NA terra amena da Cova da Iria — frente à Basílica que perpétua, através do tempo, o aparecimento da Virgem de Fátima — cerca de um milhão de pessoas, de todas as categorias sociais, e vindas de todas as partes do Mundo, tomou parte nas emocionantíssimas celebrações do Ano Santo, que ali se realizaram, com a maior suntuosidade e no meio da maior Fé, nos dias 12 e 13 do corrente mês.

Jornada de Fé — quadro inesquecível a que o povo emprestou a verdade da sua presença e da sua crença — a última grande peregrinação a Fátima pode considerar-se como uma das maiores concentrações humanas, verificadas nos annos da História do Mundo, que o «Ilustrado» regista, hoje nas suas páginas, através duma reportagem dos seus enviados especiais, que ali focaram, dia e noite, os mais sugestivos e emocionantes momentos das impressionantíssimas cerimónias.



Um dos mais impressionantes momentos das cerimónias: o da bênção aos doentes, por S. S. E. E. os Cardeais de Lisboa e de Lyon



Da basílica, após as cerimónias, a imagem da Virgem de Fátima, regressa à capelinha das Aparições. E a multidão, emocionada, acenando com lenços brancos, canta o «Ave»

AS
CERIMONIAS
NA
COVA
DA
IRIA

**AS CERIMONIAS
DE FÁTIMA**



Na manhã do dia 13, visto do ar, o vasto recinto da Cova da Iria, apresentava este magnífico e esmagador aspecto



Momento da missa de pontifical, segundo o rito bizantino-eslavo, na qual foi celebrante mons. D. Paulo Meletieff, bispo titular de Heracleopolis, que, se converteu ao catolicismo e, agora, dirige o Seminário Pontifício Russo, em Roma



Empunhando a bandeira da sua pátria, os peregrinos franceses — que, como tantos outros estrangeiros, acorreram a Fátima — dirigem-se, procissionalmente para a tribuna de honra



Outro aspecto do solene pontifical que foi celebrado na manhã do dia 13, pouco antes das cerimónias que encerraram o Ano Santo para o estrangeiro



Noite do dia 13. Hora da adoração da Virgem. Orações. Preces. Recolhimento. E rasgando o céu de Fátima — potentes fachos de luz dos holofotes militares. A procissão das velas terminara pouco antes



Francisco, um dos videntes de Fátima à data das «Aparições»

gradade, como se em sua integridade o recebera.

Pousou, cravou os seus olhos encantados na «Visão celeste» e a «Visão celeste» focou-o, envolveu-o todo em seus raios luminosos penetrou-o, estereotipou-se nele, transfigurando-o, transmutando-o.

Os videntes foram três, mas o espírito que neles como que incarnou foi um só.

E tão certo para Francisco o que a Senhora disse à Lúcia e a Jacinta, como se ouvira, como se lho dissera a ele.

Faz da sua palavra, repetida pela prima e pela irmãzinha, o móbil e a lei da sua vida nova, vida de maravilha.

Registemos o pouco que se sabe dele, mas que significa muito.

*

Francisco Marto nasceu a 11 de Junho de 1908.

Não tinha portanto ainda bem 9 anos, quando se deu a primeira «Aparição».

Demos a nossa merenda às ovelhas e jaremos o sacrificio de não merendar.

*

A merenda era farnelzinho para todo o dia.

De pleno acôrdo o distribuíram imediatamente pelas ovelhas e passaram o resto do dia em absoluto jejum.

Foi uma rica mina de ouro de sacrificios que o Francisco descobriu.

Desde então tornou-se, por assim dizer, hábito e imperiosa necessidade diária para a divinamente iluminada consciência das três crianças dar o seu farnel por amor de Deus, a princípio às ovelhas e depois aos pobrezinhos.

Desfazendo-se dos seus farnéis em beneficio da conversão dos pecadores, era natural que depois, durante o dia, padecessem fome...

Quando se lhes tornava inteiramente impossível suportá-la por

Aceitaram a proposta e já fui bater à porta de uma velhinha que, ao dar-me uma infusa com água, me deu também um bocado de pão, que aceitei com reconhecimento, e corri a repartir com os meus companheiros.

Em seguida dei a infusa ao Francisco e disse que bebesse.

— Não quero beber — respondeu.

— Porquê?

— Quero sofrer pela conversão dos pecadores.

— Bebe tu, Jacinta.

— Também quero oferecer o sacrificio pelos pecadores.

Deitei então a água na cavidade de uma pedra, para que a bebessem as ovelhas e fui levar a infusa à dona.

*

Lúcia — o cronista — continua: O calor apertava cada vez mais. As cigarras e os grilos junta-

FRANCISCO o contemplativo

FRANCISCO encanta-me, delicia-me.

Ao pensar nele lembra-me logo — ressaltada a devida distância — o bondosíssimo S. José.

— E porque?
Nem eu o sei bem. Mas a razão íntima deve ser esta:

A figura apagada que um o outro fizeram.
S. José, na Família Sagrada, Francisco Marto, nas «Aparições» de Fátima.

Lúcia tem a dita de ver e ouvir a Virgem Maria e de lhe falar.

Jacinta vê a lindeza do seu rosto e ouve a música dos seus lábios; mas não fala à Senhora nem a Senhora lhe fala a ela.

Francisco nem sequer a ouve, sómente a vê.

Vê-a e contempla-a absorto, extático...

Crê na palavra da Senhora, crendo em sua irmãzinha e em sua prima.

Crê e adora o mistério.

Foi o primeiro crente na realidade objectiva das «Aparições».

E humanamente falando ninguém tinha melhores razões nem tão boas para descrever como ele, para supor a «Visão» uma auto-sugestão comum aos três.

Podia aferrar-se a este argumento:

Então vós ouvís e falais a Nossa Senhora e só eu a não oiço?!

Isso há-de ser pareença nossa...

A não concorrerem outras circunstâncias sobrava-lhe motivo para assim falar.

Mas não: a sua alminha era boa de lei, tão boa de lei como a de sua irmãzinha Jacinta.

Apesar de a Senhora lhe não conceder a dita de ouvir a música divina dos seus lábios, estando ele a igual distância dela que sua prima e irmãzinha, não se melindra da desigualdade do celestial comércio e aceita-o em sua inte-

«Louro, tinha olhos acastanhados e mansos» — escreveu Antero de Figueiredo no seu livro (e porque não no seu poema?) «Páti-mas».

Era criança sossegada.
Não obstante sua pouca idade, a deficiente e rudimentar formação religiosa que recebera, era de consciência delicadíssima.

Aconselhando-lhe alguém um dia que passasse com as suas ovelhinhas pela beira de uma propriedade de sua madrinha, não o quis fazer sem sua expressa licença.

*

Lúcia traça-lhe o perfil — perfil encantador por sua modestia e humildade — em duas palavras:

Francisco era mais calado; fazia de ordinário tudo que nós via fazer e raras vezes sugeria alguma coisa.

*

Entrou igualmente e de todo o coração na aliança dos heróicos sacrificios que desde logo se impuseram.

Ele é por vezes o primeiro a lembrá-la, quando circunstância de momento parece tê-la feito esquecer.

E o homenzinho das «Aparições».

Até se me afigura o chefe desta triade pastoril.

Se não val adiante em tudo, também em nada fica atrás.

A Jacinta impressionou-se tanto com as recomendações da Senhora que logo no dia seguinte perguntou, como a sua natural candura:

Mas os sacrificios (pela conversão dos pecadores) como os havemos de fazer?

Desta vez, o doutor, o teólogo foi o Francisco. Disse:

mais tempo, acrescentavam-lhe outro sacrificio de nova espécie: comiam pinhões, raízes de campainhas, cogumelos, túberas de pinheiro, fruta, se a havia em alguma propriedade paterna bolota, por vezes ainda verde, preferindo, por indicação de Jacinta, a de carvalho à da azinheira, por ser mais amarga.

Era ainda o homenzinho, o Francisco, quem subia à azinheira ou carvalho a apanhá-la, a varejá-la.

Que encantador Francisco!
Gostosamente e de todo o coração, por amor de Deus, fazia de servo de sua prima e irmãzinha.

Subir a árvores a apanhar bolota é coisa trivial entre crianças.

Agora subir a árvores a apanhar bolota para matar a já mais-bolota fome dos três, que por amor de Deus e conversão dos pecadores deram o seu farnelzinho aos animais ou a outras crianças pobrezinhas — isto é sublime, é divino!

*

Outro género de sacrificio que ofereciam ao Senhor pela conversão dos pecadores era, como vimos, suportar por tanto tempo quanto lhes fosse possível a sede.

A este propósito conta Lúcia o seguinte facto de uma beleza moral peregrina:

Era no pino do Verão...

O dia estava lindo, mas o sol era de rachar pedras e... parecia querer abrasar tudo.

A sede fazia-se sentir e não havia pinga de água para beber.

A princípio oferecíamos o sacrificio com generosidade pela conversão dos pecadores; mas depois, passada a hora do meio-dia era impossível resistir.

Propus então aos meus companheiros ir a um lugar, que ficava perto, pedir uma pouca de água.

vam o seu canto ao das rãs da lagoa vizinha e faziam uma grita insuportável.

A Jacinta — debilitada pela fraqueza e pela sede — pede-me, com aquela simplicidade que lhe era natural:

Diz aos grilos e às rãs que se caíem.

Doi-me tanto a cabeça...

Então o Francisco perguntou-lhe:

Não queres sofrer isto pelos pecadores?

A pobre criança, apertando a cabeça entre as mãozinhas, respondeu:

Sim! quero.

Deixa-as cantar.

Que cena tão encantadora!

Nem parece dos nossos tempos.

Só a graça, de mãos dadas com a natureza, produz destas obras primas.

Nem a ciência nem a arte humana produzem coisa que com isto se pareça.

Somos muito pequenos para coisas tão grandes.

Padre J. ROLIM



O sr. bispo de Leiria, em cuja diocese se deram os grandes acontecimentos sobrenaturais de 1917



Noites de Primeira

«A COMPANHIA DE CIRCO», no Coliseu dos Recreios

Todo o mundo, entendendo que é tal qual um Coliseu — cada país uma pista — som espectáculos diários e tão extraordinários e tão extraordinários que até nos cansam a vista.

Basta-nos ler as gazetas, equilíbrio, piruetas e sortes à Fu-Manchú, contorcionismos atómicos

e mil intermédios cósmicos tudo isso faz a ONU.

Há excentricos musicais que tocam trochos corais em canhões de metralha, e os aviões na Coreia fazem passar da ideia os vóos à Leotard.

Um François, oculto atrás de uma cortina de paz, anuncia cada artista. • A Pérsia, vende os petróleos na mão de Inglês, engole-o como um bom ilusionista.

Come há-de passar alguém da companhia que tem o Coliseu dos Recreios? Hoje não há novidades e de tais habilidades já temos os olhos cheios.

«MUITA PROVAVEL», no Maria Vi-
stória

Era provável a Multa outra vez. Se não se ajuda uma peça e se resulta na primeira, dá segunda.

Esta jogada promete, pois deram excelentes provas uma Dama e um Valeté além de outras cartas novas.

O Vasco, que bom trabalho! A Matos, que sensação! Cartas novas num baralho dão ao jogo animação.

Mesmo multado, quem quer passa a noite bem disposto que ali, no Parque Mayer, pagam-se as multas com gosto.

O POETA CALDAS

TIPOS E ASPECTOS DE LISBOA

OS CONGRESSOS

Uma chapa de esmalte na botoeira, os trajos das feições mais imprevisíveis, olhos numa constante pasmaceira; vê-se logo à primeira que se trata de ilustres congressistas.

Pr'ás montras de comida olham com pasmos com um Guia na mão. Faz gosto ver o seu entusiasmo pelo Sol que guardámos do Verão.

Talvez vão às sessões de houver por cá, mas para os chás, banquetes e excursions que com certeza há, é que vão com certeza. É um palpito que nunca falha em tais reuniões, onde há muito apetite e onde se chega a grandes conclusões.

Os problemas artísticos, científicos, sociais ou políticos resolvem-se num instante em cada tese, da mais simples maneira, entre uma maionese, dois dedos de cavaco, e um cálice de Porto ou de Madeira, num passeio ao Estoril ou ao Buçaco.

Conforme se costuma, não se trata, em geral, de coisa alguma; mas os hotéis enchem-se, deliraram-se novas directrizes no paladar dos vinhos que beberam, correu dinheiro a rodos e nós ficámos todos consideravelmente mais felizes.

Isto sucede aqui e em toda a parte com a mesma consciente inteligência, para estudo da Ética, da Arte, das Letras e da Ciência.

Por MATOS SEQUEIRA

Panorama

TRAGEDIA RUSTICA

DESBAIXO daquele céu forrado de veludo azul, que dava vontade, de acariciar com os dedos, nem sempre havia pão.

A aldeia ficava numa encosta, meia dúzia de telhados, muito juntinhos, alguns de coimo, outros de telha vã; em baixo via-se o rio, selvático, espumante, de águas negras, com uma barca de Caronte, a singrar por entre os pegos traiçoeiros e as ribas alcantiladas; e, lá em cima, no pincare da montanha, o pinhal que se punha a gemer, a uivar, a regougar, mal o Inverno, furtivo e solerte, como um ladrão, subia as quebradas a roubar e que os homens haviam deitado à terra.

Tio Romão tinha oitenta anos. Era dos mais velhos do lugar. Quando olhava para as mãos duras e tropeças, entanguidas pelo reumatismo, punha-se a chorar.

Já não podia ir às vindimas, acarretar os cestos para a lagariga, ou vestir a caroca de palha nas manhãs friorentas de neblina para sulfatar as vinhas do Senhor que, nos carretos, desciam até lá em baixo, ao Douro, sempre a referver de cólera, como querendo medir ao desafio a sua grandeza com a de Deus.

Enviuvara. Dois filhos que a mulher legítima lhe dera, cada um em seu ano, haviam abalado de tamancos farrados e saquites vermelhos às costas, para os Brasis distantes.

E agora nem novas, nem mandados, ali sózinho, comendo a malga dos feijões, que o quinteiro ressequido, entre fragas calcinadas, lhe dava à custa de muita baba de suor, de muita água que ia buscar, lá longe, em dois balaios de folha.

Romão era agora como uma velha árvore que já não dá fruto, nem sombra, abandonada num caminho ermo.

Naquele dia, porém, uma sombria angústia, todava-lhe o coração.

O senhorio despedira-o. Precisava do casebre, que bom pouca coisa era: pedra solta e tábuas carcomidas, por onde o sol e o vento entravam sem pedir licença. O que ia fazer agora, no último quartel da vida, sem forças para trabalhar, agarrado às paredes onde nascera e a vida o consumira mais negra que um tição da lareira?

Duramente, cerrou os dentes! Todos o escarneciam, até aquele alma do diabo do proprietário, que vira chegar à aldeia, quase nu, como a mãe o deitara a este mundo!

E nem um remorso! Uma palavra de mentira a enganar a sua misera velhice!

Ah, sim! lam ver de que era capaz o tio Romão!

Fechou a porta do cardeno, depois cerrou os postigos e foi buscar uma varaça que, subido a um mocho, lançou a uma trave.

Agarrou, então, numa secha flamejante da lareira, e atirou-a para o quarto de dormir, cheio de feixes de palha velha, montes de carolo, restecas secas e esburgadas — tudo velho e inútil como ele, ali a apodrecer, que já fora vida, dera semente, e haurira o sangue da terra, convertendo-o em pão e flor.

Rapidamente, uma fumarada espessa envolveu o casebre. Um relâmpago de fogo atravessou o ar, e o incêndio, ao princípio agachado, logo impetuoso e irascível, num vulcão de chamas, começou a erupir, dominador e implacável. Quando o povo deu pelo que se passava, já toda a casa ardia. Ainda foi possível salvar o tio Romão, cujo corpo balouçava, entre os destroços, qual espantalho, batido pelo bafo rouco e arrojante do fogo.

Levaram-no preso. O que fora já não existia. Era um monte de ruínas. Ele nem sequer olhou para trás. Para quê?

Conformado disse, apenas:

— Queriam-me tirar a casa? Pois aí está! Agora já tenho onde dormir!

Por ARTUR PORTELA

SOLUÇÕES

VEJA SE ACERTIA

1 — Camões; 2 — Luís Gonzaga; 3 — Velasquez; 4 — Bicho da seda; 5 — Rómulo e Remo; 6 — O «Grão-Mongolo»; 7 — Estados Unidos; 8 — Tamandua.

COMPRIMIDOS HYPERSEX

TÓNICO MASCULINO

Compensador dos fortes desgastes do organismo, próprios de excessos de idade, para tratamento: Esgotamentos (nervosos e físicos), Neurastenia, Ineficiências Glandulares (tipo masculino) e Fraca Vitalidade.

Envia literaturas grátis a FAL — Rua da Misericórdia, 36 - 2.º Eq. — LISBOA



SURDEZ VENCIDA!

sem aparelhos custosos
Eliminação dos zumbidos
Retorno progressivo da audição normal. Referências discretas gratuitas do
Dr. Reichmann. Agência
WEIMER
R. Conde Moser, 25 — Monte Estoril — (Portugal)



QUE TODAS AS SENHORAS DEVEM USAR

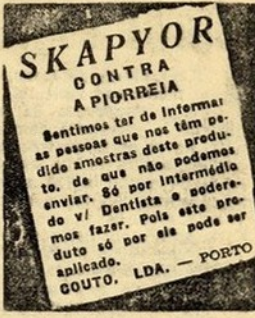
Maço, absorvente e solúvel
Depositários:
DR. GÁRIA CASTILHO
R. Sá da Bandeira, 80—PORTO
Caixas de 12, Esc. 20\$00
Caixas de 3, E. c. 5\$00
Enviando a importância em selos
Amosiras grátis



GUARDA-LIVROS CHEFE DE CONTABILIDADE PERITO CONTABILISTA

INSTITUTO NACIONAL DE CONTABILIDADE (Antiga Escola-Lusitana)

C. da Graça, 9—Lisboa-Te. 35491
Director, Bacharel em Contabilidade e prof. Lourenço de Carvalho
PEÇA o livro gratuito sobre ensino por correspondência



NO CAMPO OU NA PRAIA É INDISPENSÁVEL O USO DE

NIVEA

O Creme que protege a pele contra todas as irritações, tornando-a accludada



NÁ venda nos bons estabelecimentos
Preços desde 75\$00
Depósito: Pestana & Fernandes, Lda.
Rua dos Sapateiros, 19 — Lisboa

Emagrecer do com OBESYL

Em duas fórmulas distintas: Normal e Laxativa (consoante a necessidade do organismo)
Envia literaturas grátis a FAL — Rua da Misericórdia, 36-3ª Esq — LISBOA

Defenda a pele do seu filho...



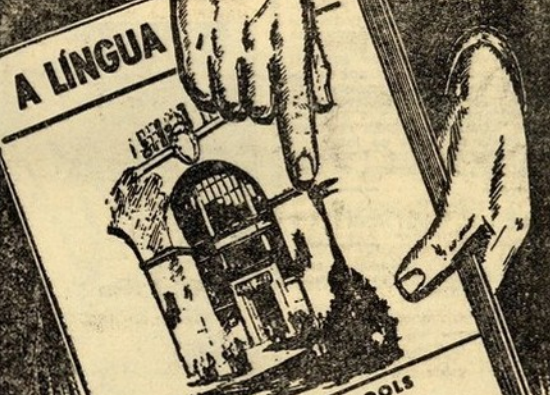
com **PÓ DE TALCO**
bébé
McCampos

Dentes postiços

que se soltam não necessitam causar vergonha.

Muitos portadores de dentaduras posticas têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, saltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX, o pó alcalino (não ácido). Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix em qualquer farmácia ou drograria. Agente geral: Centro Farmacéutico, Lda. Rua Eugénio dos Santos, 86. Lisboa.

Aprenda INGLÊS!



Livro GRÁTIS!

QUE LHE DEMONSTRA A FACILIDADE COM QUE PODE APRENDER INGLÊS PRÁTICA E RÁPIDAMENTE EM SUA CASA. APROVEITE A OPORTUNIDADE QUE SE LHE APRESENTA DE MELHORAR SUA POSIÇÃO. PEÇA O SEU HOJE MESMO.

Sr. L. J. ROSENKRANZ Presidente
NATIONAL SCHOOLS Depto. PL PE-3-29
4000 So. Figueroa St., Los Angeles, Calif., E. U. A.
Envie-me seu livro GRÁTIS sobre a LÍNGUA INGLESA

Nome _____
Rua _____ Idade _____
Estado ou Província _____
Cidade _____



RADIO TELEVISÃO

Rua Ivens, 44-3.º
Lisboa
CURSO



Misto por correspondência e prático sob a direcção técnica do Eng. Santos Duque, com todos os requisitos modernos, que pode tirar em sua própria casa em menos de 6 meses e lhe pode garantir um bom futuro. Com as lições é-lhe enviado todo o material e um multimetro, para fazer 150 experiências e montar rádios de 1 a 7 válv., com catálogos, esquemas, explicações, que tornam o estudo agradável e fácil. Os alunos podem frequentar as n.º oficinas.

Preço: com material 3.500\$000, sem material 1.200\$000 e 2.300\$000



só prático com material com facilidades de pagamento.
Visite ou peça folhetos grátis.



Os milagres de Fátima

***** UMA PÉTALA COLHIDA NO TUMULO DE JACINTA *****

IRMÃ Maria de Jesus, de Segóvia (Espanha), era enfermeira no hospital do Gavião.

Paciente de mal declarado incurável (prétese gástrica e intestinal com perfuração do simpático abdominal), há já perto de três anos que a impedia de trabalhar. Levada a Fátima de automóvel, este, devido a uma avaria do motor permitiu que a superiora que a acompanhava pudessem ajoelhar perante o túmulo de Jacinta. Trouxera da sua campua uma pétala de rosa de que fez entrega à doente. Esta, após a tor beijado, sentiu-se instantaneamente curada.

Desde 13 de Maio deste ano, depois da sua estadia em Fátima, come de tudo sem sentir qualquer mal-estar, trabalha e faz vida de comunidade, sem quaisquer restrições: Estas são as palavras do seu médico, dr. Júlio Gonçalves Correjeira.

(Declaração médica, 30-9-43)

NÃO obstante ser operada de zassels vezes à espinha, Natália Maria dos Santos, moradora na Rua Fernando Palha, em Lisboa, não podia caminhar nem sequer conservar-se sentada. «Numa posição que a todos comovia detada de costas, de olhos cerrados, mãos postas sobre o peito, tendo entra elas um branco rosário ao receber a benção soluçava convulsiva e aflitiva. Momentos depois estremece, estende as mãos ao longo do corpo, abre os olhos, fixando-os no Céu, fica immobilissima, de uma

NADA LHE É IMPOSSIVEL.

palidez de cera... Dá-nos a tristissima impressão de que naquele momento vai morrer!

Apavorante dor se lê nos assistentes e é então que uma senhora servita, vendida em tal imobilidade tanta chamá-la à razão, nada conseguindo, pelo que, cheia de dor corre em procura de um médico...

O médico chega sem delongas, tenta reanimá-la e é só passados alguns instantes, quando tentam conduzi-la para o hospital, que ela diz:

— Deixem-me ficar aqui!

O médico retira-se. São lindas todas as rezas. Os servitas pegam novamente no andar de Nossa Senhora... E é então que Natália pede à menina Maria Bruno Mascarenhas Novais Ataíde e à senhora servita que a ajudem a levantar, pois quer sentar-se, ao que eu presto o meu concurso... E é neste momento que o milagre é consumado!

«V. de F.», n.º 189 — 13-6-938



Lúcia de Jesus (Religiosa)

PIO XII



Durante o sábio papado de Pio XII salientam-se, desde já, e muito justamente, a coroação de Nossa Senhora de Fátima e o encerramento do Ano Santo na Nova da Iria

CAMINHOU

AS dores reumáticas não deixavam trabalhar, durante anos, um tal António Ribeiro, freguesia de Ceissa, de Ourem.

Esgotadas as possibilidades da ciência, pôs-se a caminho de Fátima, onde orou com ininterrupta fé.

De regresso a casa, as dores desapareceram-lhe como por encanto.

Verificando estar em presença de um milagre, prometeu ir lá todos os meses, acompanhado com uma pequena importância em dinheiro. Esta constância exhibe um espírito agradecido pelo milagre que veio pôr termo a tanto sofrimento!

«V. de F.», Carta de 10-3-933.

PARA FÁTIMA

CANTOU NA PROCISSÃO DAS VELAS

PADECIAMENTOS resultantes de um gânglio no duodeno. Aurora de Sousa Ribeiro, do Porto, via-se em vésperas de uma intervenção cirúrgica. Muito magra, e não desejando ser operada, só podia alimentar-se a leve puré de batata, sempre à mistura com bicarbonato de soda! Pensa em Fátima, do que todos aqueles que lhe conhecem o estado a dissuadem de tal empreendimento. Junto do fontanário, assiste à procissão das velas.

Como por encanto, levanta-se repentinamente, ingressando na procissão, cantando como se nunca tivesse estado doente.

Recebe de manhã cedo a saudação Cumhumão depois de ter passado a noite ao relento e de



Lúcia de Jesus (Aos 16 anos)

passagem por Alcobaca, o médico reafirma a sua cura absoluta.

«V. de F.», n.º 229 de 13-10-941.

UMA TUBERCULOSA PEDE PROTECÇÃO

TRATA-SE de um dos mais extraordinários casos de sanção de mães.

Após uma tormentosa viagem do Porto, onde residia, para Fátima, ia ali pedir à Virgem Santíssima:

— Não vim a Fátima para me curar; vim somente pedir a protecção de Nossa Senhora para os meus três filhinhos que vão ficar órfãos de mãe; vim entregá-los a Nossa Senhora.

Vivendo com o auxílio de injeções de espartelina e óleo canforado, rezaram-lhe na noite de 12 para 13, os oficiais da aeronáutica e administraram-lhe a Extrema-unção.

A hora da benção dos doentes, entrava moribunda, no recinto, amparada por servitas compadecidas e impressionadas com o seu estado. De sumida respiração, dan-

do a reprodução textual de uma moribunda, o fatal desenlace era aguardado a todo o momento.

Quando a Hóstia Consagrada passava em frente dos seus olhos excessivamente abertos, tomou-a quase sorridente.

Depois sorriu e agradeceu para pouco depois, se entregar ao mesmo estado ou, talvez, pior.

E imediatamente retirada para a enfermaria e, no dia seguinte, chega à capital do Norte com novas síncopes, extraordinária febre e hémoptises contínuas. Interiormente, porém, sentia-se esplendida, porque adivinhava que a Virgem não abandonaria os seus filhinhos estremeceidos!

Quinze dias após, acordava com uma bela disposição e pôde sair daquele autêntico leito de morte, levantando-se.

Esta tuberculosa e cardíaca nunca mais tossiu e, através dos raios X os pulmões haviam cicatrizado!

«Voz de Fátima»

PARA OS 3 FILHOS

A PEQUENA MARGARIDA

MARGARIDA era filha de um médico de Cabeço da Vide, dr. Alexandrino Lopes Russo, e apareceu, um dia, com a sintomatologia de bronco-pneumonia. Com tosse pertinaz mal descansava, trazendo sobressaltados os corações de todos os seus. Aos cuidados do seu padrinho, a pobre criança não melhora, pois o seu estado é de cada vez pior. Porém, sua extrema mãe, perdidas as esperanças, dá-lhe uma colher de água de Nossa Senhora de Fátima. Isso valeu-lhe dormir quatro horas consecutivas. Havendo voltado ao seu estado normal, o ilustre clínico seu pai, rendia as suas honras de agradecimento a Nossa Senhora, afirmando que o saber dos homens nada é perante o poder de Deus!

(«V. de F.», Comunicação de 15-6-933)

LUZ QUE VOLTA

CHAMAVA-SE Manuel Albino Guedes nasceu em Pedroso, concelho de Gaia, e tinha oito anos de idade. Tinha cegado de um dos olhos, andando cinco anos pelos consultórios dos especialistas. Perdidas as esperanças de recuperar a vista, sua mãe, D. Maria do Céu Carvalho Vieira, invoca a intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

E um dia ouviu dizer ao pequeno:

— Mãe! Eu já vejo! E a primeira coisa que vi foi a imagem de Nossa Senhora de Fátima!

COVA DA IRIA ANTECAMARA DO CEU



Este, o local, na Cova da Iria, a que Nossa Senhora de Fátima desceu



Os primeiros peregrinos à terra sagrada de Fátima. Em baixo: Fátima, terra de gente trabalhadeira, boa e feliz



Os pais da pequenina Jacinta



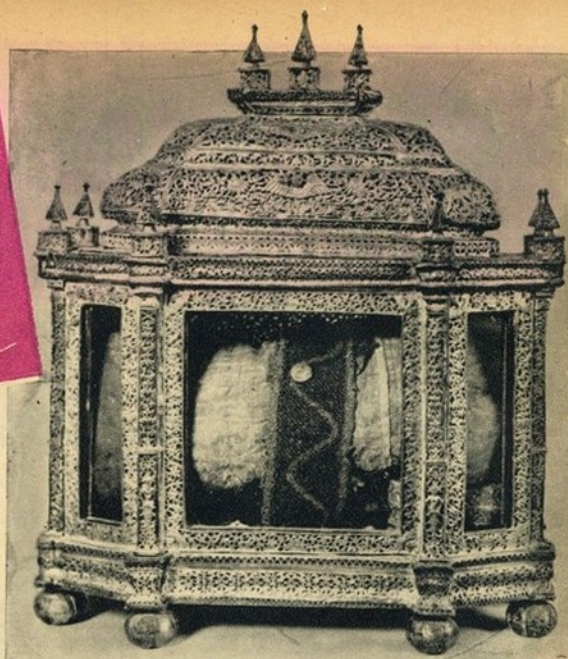
A casa onde nasceu a vidente Lúcia. A seguir: O quarto onde nasceram Jacinta e Francisco



O leito onde Francisco morreu. A seguir: Eram em locais, como esta, que os simpáticos e pequeninos pastores se refugiavam das inclemências do tempo

ARTE SACRA

Missionária



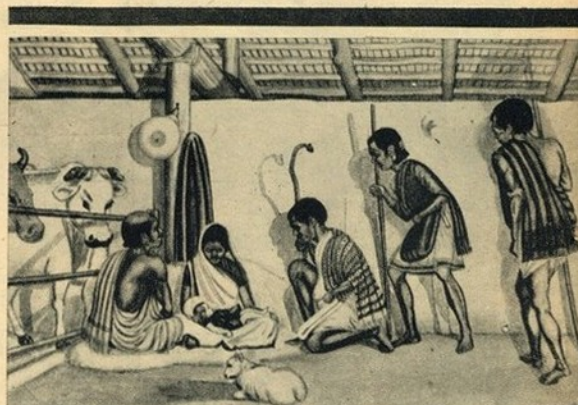
Na secção de Portugal figura este precioso co'fre com reliquias de S. Francisco Xavier



Crucifixo de pedra, dos primeiros tempos da evangelização portuguesa em Angola



Uma «Anunciação» de extraordinária delicadeza e feição tipicamente oriental, devida ao pincel do artista chinês Lu-Hung-Nien



Marcus Topno, artista indiano, viu assim o «Nascimento do Menino Jesus». As figuras, ambiente e vestimentas são de carácter puramente local



Uma «Estação de Via Sacra» de um escultor indígena em madeira, da África Ocidental Inglesa. A ingenuidade do artista levou-o a representar os inquisidores por negros e um guarda romano por um cipai (polícia indígena)



«Nossa Senhora e o cordeiro de Deus», outro baixo-relevo em madeira, da autoria de um artista angolano



Duas esculturas da secção de Portugal: «Nossa Senhora de Timora», trabalhada em ponta de búfalo, e «Missionários», esculpida por um negro de Moçambique



Os macondes (Moçambique) são um povo naturalmente artista. Eis uma imagem de Santo António trabalhada em ébano

A Exposição de Arte Missionária, que tem lugar em faustoso ambiente no claustro do mosteiro dos Jerónimos, a parte mesmo do facto de estar incorporada nas solenidades do encerramento do Ano Santo em Portugal, constitui, por si, um acontecimento sem precedentes na vida artística nacional.

A extensa galeria de relíquias pinturas e esculturas a que artistas de valor variável, de várias épocas e origens deram mesmo anonimamente, o seu concurso, constitui o mais completo repositório do que tem sido a evangelização desde quinhentos, alcançando particular volume a acção, sem paralelo, de Portugal e Espanha, nos vários continentes. Na indisciplina e na liberdade de concepção e realização de muitos dos artistas da África, do Oriente e de Além-Atlântico, algo há de inédito e que aproveitar das suas sugestões.

A colecção que esteve exposta em Madrid e à galeria que pertence ao Vaticano juntou-se-lhes a representação portuguesa. Daí, resultar um conjunto surpreendente sob todos os aspectos, valorizado pelos artistas nacionais que a Agência Geral do Ultramar tão bem soube escolher e a quem foi confiada tão delicada como nobilíssima missão.



Duas interpretações de «Nossa Senhora», nas silhuetas à esquerda e à direita, respectivamente uma imagem Indiana do século XVII e outra de um artista da Lunda (Angola)



«Jesus» pelo pintor goês Angelo da Fonseca, já conhecido do público da Metrópole. Em baixo: Composição religiosa denominada «Zambis», executada por negros da Lunda (Angola)



Madalena, possuída de intenso remorso e profundamente arrependida de suas leviandades, prostra-se aos pés de Cristo crucificado e implora o Seu perdão (Pintura do artista Lê Van De, do Vietnam, que figura na grandiosa exposição dos Jerónimos)

ARTE SACRA

MISSIONARIA

